

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
LABORATÓRIO DE FENOMENOLOGIA E SUBJETIVIDADE

FABIANE VILLATORE ORENGO

O QUE O PSICÓLOGO COMPREENDE POR PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICA

CURITIBA
2017

FABIANE VILLATORE ORENGO

O QUE O PSICÓLOGO COMPREENDE POR PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICA

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Psicologia, no Curso de Pós-Graduação em Psicologia, Setor de Ciências Humanas, da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Adriano Furtado Holanda
Coorientador: Prof. Dr. Tommy Akira Goto

Estudo financiado pela CAPES

CURITIBA

2017

O669p

Orengo, Fabiane Villatore

O que o psicólogo compreende por psicologia fenomenológica /
Fabiane Villatore Orengo. – Curitiba, 2017.
86 f. : il. color. ; 30 cm.

Dissertação - Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências
Humanas, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, 2017.

Orientador: Adriano Furtado Holanda – Co-orientador: Tommy Akira
Goto.

Bibliografia: p. 69-72.

1. Fenomenologia. 2. Psicologia Fenomenológica. 3. Husserl, Edmund -
Filósofo.

I. Universidade Federal do Paraná. II. Holanda, Adriano Furtado. III.
Goto, Tommy Akira . IV. Título. CDD: 142.7

CDD:142.7

ESTE ESTUDO FOI DESENVOLVIDO JUNTO AO



Apoio financeiro:

Esta dissertação foi financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) no período de março de 2015 a fevereiro de 2017, mediante concessão de bolsa de Mestrado.





MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
Setor CIÊNCIAS HUMANAS
Programa de Pós Graduação em PSICOLOGIA
Código CAPES: 40001016067P0

ATA Nº 124

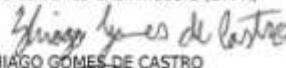
**ATA DE SESSÃO PÚBLICA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO PARA A OBTENÇÃO DO
GRAU DE MESTRE EM PSICOLOGIA**

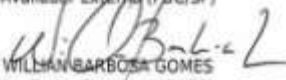
No dia trinta de junho de dois mil e dezessete às 09:00 horas, na sala 604, FAE - Faculdade de Administração e Economia, do Setor de CIÊNCIAS HUMANAS da Universidade Federal do Paraná, foram instalados os trabalhos de arguição da mestranda **FABIANE VILLATORE ORENGO** para a Defesa Pública de sua Dissertação intitulada: **"O QUE O PSICÓLOGO ENTENDE POR PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICA"**. A Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em PSICOLOGIA da Universidade Federal do Paraná, foi constituída pelos seguintes Membros: ADRIANO FURTADO HOLANDA (UFPR), THIAGO GOMES DE CASTRO (PUC/SP), WILLIAN BARBOSA GOMES (UFRGS). Dando início à sessão, a presidência passou a palavra a discente, para que a mesma expusesse seu trabalho aos presentes. Em seguida, a presidência passou a palavra a cada um dos Examinadores, para suas respectivas arguições. A aluna respondeu a cada um dos arguidores. A presidência retomou a palavra para suas considerações finais e, depois, solicitou que os presentes e a mestranda deixassem a sala. A Banca Examinadora, então, reuniu-se sigilosamente e, após a discussão de suas avaliações, decidiu-se pela APROVAÇÃO da aluna. A mestranda foi convidada a ingressar novamente na sala, bem como os demais assistentes, após o que a presidência fez a leitura do Parecer da Banca Examinadora. Nada mais havendo a tratar a presidência deu por encerrada a sessão, da qual eu, ADRIANO FURTADO HOLANDA, lavrei a presente ata, que vai assinada por mim e pelos membros da Comissão Examinadora.

Observações: _____

Curitiba, 30 de junho de 2017.


ADRIANO FURTADO HOLANDA
Presidente da Banca Examinadora (UFPR)


THIAGO GOMES DE CASTRO
Avaliador Externo (PUC/SP)


WILLIAN BARBOSA GOMES
Avaliador Externo (UFRGS)



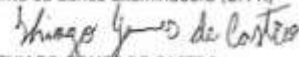
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
Setor CIÊNCIAS HUMANAS
Programa de Pós Graduação em PSICOLOGIA
Código CAPES: 40001016067PQ

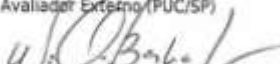
TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em PSICOLOGIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de **FABIANE VILLATORE ORENGO**, intitulada: **"O QUE O PSICÓLOGO ENTENDE POR PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICA"**, após terem inquirido a aluna e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO.

Curitiba, 30 de junho de 2017.


ADRIANO FURTADO HOLANDA
Presidente da Banca Examinadora (UFPR)


THIAGO GOMES DE CASTRO
Avaliador Externo (PUC/SP)


WILLIAM BARBOSA GOMES
Avaliador Externo (UFRGS)

Ao meu esposo, companheiro e
amado
Alex.

Aos frutos desse amor:
Isabele, Ricardo e Jaqueline.

Aos meus pais:
Aroldo (*in memorian*) e Solange.

AGRADECIMENTOS

“Celebrar cada momento. Celebrar o que se conquistou. E o que não se conquistou. Celebrar o que se tem. Celebrar o que se quer. Celebrar quem somos. Celebrar a vida. Celebrar... É uma bela forma de agradecer” (Autor desconhecido).

Celebro, em primeiro lugar, ao meu grande (des)orientador Adriano. Sua amizade, confiança, paciência, zelo, dedicação e sabedoria estão presentes em cada letra (e em cada espaço) deste trabalho.

Ao Tommy, coorientador, pela presteza, pelo conhecimento, pela especial atenção nas revisões, pela riqueza das sugestões.

Aos caríssimos William e Thiago, que, desde o início de minha formação como psicóloga, vêm sendo fonte de inspiração e sabedoria.

Aos colegas do LabFeno, que, junto comigo, todas as quartas-feiras, tentam entender um pouquinho mais desse universo que é a Fenomenologia.

À Camila, à Mariana e à Karine, pelas sábias observações, pelo incentivo, pelas sempre acertadas pontuações.

Aos meus pais Aroldo (*in memorian*) e Solange, que, desde criança, sempre me incentivaram a buscar e conhecer sempre mais.

Aos meus filhos Isabele, Ricardo e Jaqueline, e, porque não, Chiara (*in memorian*), que me ensinaram que amor não tem limite, que vale a pena lutar pelo que se acredita. Agradeço pelo tempo que me deram e que permitiu que pudesse chegar aqui. Sou grata pelo incentivo, pelos cuidados que despenderam a mim.

Ao meu mais-que-marido Alex, companheiro de vida, que nunca deixou que eu acomodasse-me, sempre me encorajou a querer mais, a buscar mais. Sou grata por estar sempre ao meu lado, cuidando-nos um ao outro. Sou grata por tudo o que passamos juntos, sou grata pelo seu amor.

A Coisa

A gente pensa uma coisa,
acaba escrevendo outra
e o leitor entende uma terceira
coisa...

e, enquanto se passa tudo isso,
a coisa propriamente dita
começa a desconfiar
que não foi propriamente dita.

(Mario Quintana)

RESUMO

Os psicólogos brasileiros consideram a Fenomenologia a ciência dos estudos transcendentais, mas não a consideram base para todas as ciências. Ainda, relacionam diretamente a Psicologia Fenomenológica às abordagens humanistas e existenciais; bem como acreditam ser perfeitamente possível o desenvolvimento de uma psicoterapia fenomenológica. Tal abordagem teria como pressupostos o foco no aqui-agora e uma postura empática e antijudicativa. O fato é que a Fenomenologia e a Psicologia Fenomenológica, fundadas por Edmund Husserl (1859-1838) há mais de século, chegaram ao Brasil, e na Psicologia brasileira, algumas décadas depois, em textos de autores existencialistas e humanistas. A Fenomenologia é a ciência dos fenômenos, ou mais propriamente, das “manifestações”. Sua base é diferente das ciências positivas, ou seja, não-filosóficas, que não podem ser ciências últimas, absolutas. A Psicologia Fenomenológica é a ciência dos fenômenos da consciência, sendo esta, essencialmente, “consciência de”. No sentido de uma ciência universal da vida psíquica, ela deveria se constituir como uma *psicologia* racional ou *pura*, radicalizada na atitude fenomenológica. Assim, a Psicologia Fenomenológica é essencialmente científica, sem a pretensão psicoterapêutica. Para investigar o que o psicólogo brasileiro compreende por Fenomenologia e por Psicologia Fenomenológica foi realizado esse estudo. Para tanto, procedeu-se uma pesquisa de caráter exploratório, composta por um questionário *online*, destinada a psicólogos e desenvolvida em três etapas, sendo a primeira sócio-demográfica e acadêmica; a segunda composta de sete questões em escala *Likert* de sete pontos sobre fundamentos da fenomenologia; e a terceira, com cinco questões, sendo uma fechada (sim/não) e quatro abertas, sobre a compreensão do psicólogo acerca da psicologia fenomenológica e a sua posição quanto à viabilidade de uma psicoterapia fenomenológica. Os dados da segunda etapa foram analisados descritivamente conforme o grau de concordância ou discordância com os textos de referência, quais sejam: *O Artigo para Enciclopédia Britânica* (1927), *Conferências de Paris* (1929) e *A Ideia da Fenomenologia* (1907), todos de Husserl, comparando as respostas dos psicólogos que se denominam fenomenólogos com os que não se denominam. Os dados da terceira etapa foram analisados por meio do método descritivo fenomenológico, buscando captar as unidades de sentido das repostas. O estudo em questão foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Setor da Saúde da UFPR.

Palavras-chave: Fenomenologia. Psicologia Fenomenológica. Husserl.

ABSTRACT

Brazilian psychologists consider Phenomenology the science of transcendental studies, but do not consider it the basis for all sciences. Yet, they directly relate Phenomenological Psychology to humanistic and existential approaches; as well as believe that the development of a phenomenological psychotherapy is perfectly possible. Such an approach would have as presuppositions the focus on the here-now and an empathic and anti-judicial stance. The fact is that Phenomenology and Phenomenological Psychology, founded by Edmund Husserl (1859-1838) more than a century ago, arrived in Brazil, and in Brazilian Psychology, a few decades later, in texts by existentialists and humanists. Phenomenology is the science of phenomena, or more properly, of "manifestations." Its basis is different from the positive sciences, that is, non-philosophical, which can not be ultimate, absolute sciences. Phenomenological Psychology is the science of the phenomena of consciousness, which is essentially "consciousness of". In the sense of a universal science of psychic life, it should constitute itself as a rational or pure psychology, radicalized in the phenomenological attitude. Thus, Phenomenological Psychology is essentially scientific, without the psychotherapeutic pretension. To investigate what the Brazilian psychologist understands by Phenomenology and Phenomenological Psychology, this study was carried out. For that, an exploratory research was carried out, consisting of an online questionnaire, aimed at psychologists and developed in three stages, being the first socio-demographic and academic; The second composite of seven seven-point Likert scale questions on foundations of phenomenology; And the third, with five questions, one closed (yes / no) and four open, about the psychologist's understanding of phenomenological psychology and his position on the feasibility of phenomenological psychotherapy. The data for the second stage were analyzed descriptively according to the degree of agreement or disagreement with the reference texts, such as: The British Encyclopedia article (1927), Paris Conferences (1929) and The Idea of Phenomenology (1907), all Husserl, comparing the answers of psychologists who call themselves phenomenologists with those who do not call themselves. The data of the third stage were analyzed through the phenomenological descriptive method, seeking to capture the sense units of the answers. The study in question was approved by the Research Ethics Committee of the Health Sector of UFPR.

Key-words: Phenomenology. Phenomenological Psychology. Husserl.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Respostas dos participantes a todas as perguntas	30
Figura 2 – A fenomenologia não tem a pretensão de ser a base para todas as ciências	31
Figura 3 – A fenomenologia é a ciência de todos os fenômenos transcendentais	32
Figura 4 – A fenomenologia não é capaz de englobar todos os problemas teleológicos, metafísicos, éticos, racionais.....	33
Figura 5 – Somente a fenomenologia pode converter as ciências em ciências genuínas.....	34
Figura 6 – A fundamentação fenomenológica não nos dá uma fundamentação científica radical.....	34
Figura 7 – A fenomenologia é a ciência universal da intersubjetividade transcendental.....	35
Figura 8 – A fenomenologia é capaz de superar radicalismos como o subjetivismo, o objetivismo, o psicologismo, o racionalismo, o empirismo	36

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Idade dos participantes (em anos)	25
Tabela 2 – Tempo decorrido desde a graduação dos participantes (em anos)	25
Tabela 3 – Distribuição geográfica da graduação dos participantes da pesquisa	26
Tabela 4 – Disciplinas relacionadas à fenomenologia.....	26
Tabela 5 – Contato com a fenomenologia.....	28
Tabela 6 – Relação entre ofertas de disciplina de fenomenologia no curso e utilização de “abordagem fenomenológica”	28
Tabela 7 – “ <i>Psicologia fenomenológica</i> ” (com aspas) – índice <i>keyword</i> – em português	51
Tabela 8 - O que é / do que se trata psicologia fenomenológica?	53
Tabela 9 - “Quais são os fazeres de sua prática profissional fundamentados na fenomenologia?”	55
Tabela 10 - “É possível desenvolver uma PSICOTERAPIA fenomenológica?”	56
Tabela 11 - “Em que consistiria uma PSICOTERAPIA fenomenológica?”	58
Tabela 12 - “Justifique tal impossibilidade”	60

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
2	ARTIGO 1: FENOMENOLOGIA E PSICOLOGIA – A (IN)COMPREENSÃO DE PSICÓLOGOS BRASILEIROS: UM ESTUDO EMPÍRICO	17
2.1	INTRODUÇÃO.....	18
2.2	MÉTODO	20
2.3	RESULTADOS E DISCUSSÃO	25
2.3.1	Perfil sócio-demográfico e acadêmico	25
2.3.2	Fundamentos filosóficos da fenomenologia.....	29
2.4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	36
2.5	REFERÊNCIAS	39
3	ARTIGO 2: A “PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICA” DE HUSSERL -A (IN)COMPREENSÃO DE PSICÓLOGOS BRASILEIROS: UM ESTUDO EMPÍRICO.....	41
3.1	INTRODUÇÃO.....	41
3.2	MÉTODO	47
3.3	RESULTADOS E DISCUSSÃO	49
	PSICOLOGIA USP	51
3.4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	60
3.5	BIBLIOGRAFIA.....	61
4	DISCUSSÃO	64
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	67
	BIBLIOGRAFIA.....	69
	ANEXO A – TCLE	73
	ANEXO B – QUESTIONÁRIO	79

1 INTRODUÇÃO

A “psicologia fenomenológica” é um tema espinhoso no âmbito da psicologia. A questão é que alguns psicólogos a consideram meramente como uma metodologia para pesquisa. Outros acreditam que se trata de uma abordagem teórica, com aplicação direta em psicoterapia. Outros, ainda, afirmam que a psicoterapia existencial ou a humanista é a “verdadeira” psicologia fenomenológica. Na tentativa de entender este cenário e averiguar o que o psicólogo brasileiro – especialmente aquele que se autodenomina “fenomenólogo” – compreende por essa designação, surgiu então a pretensão de desenvolver esta dissertação.

Diversas foram as dúvidas quanto ao delineamento da pesquisa, visto o que se desejava averiguar: tanto o que os psicólogos brasileiros pensam a respeito da fenomenologia, quanto o que têm feito em nome da fenomenologia na Psicologia e, de que forma o conhecimento teórico da disciplina fenomenológica estaria chegando ao fazer profissional do psicólogo. Chegou-se, assim, ao formato aqui exposto, uma pesquisa de caráter exploratório, composta por um questionário *online*, destinada a psicólogos e desenvolvida em três partes, sendo a primeira sócio-demográfica e acadêmica; a segunda composta de sete questões em escala *Lickert* de sete pontos sobre fundamentos da fenomenologia; e a terceira, com cinco questões, sendo uma fechada (sim/não) e quatro abertas, sobre a compreensão do psicólogo acerca da psicologia fenomenológica e a sua posição quanto à viabilidade de uma psicoterapia fenomenológica. Os artigos que compõem os capítulos abaixo apresentados desenvolvem mais detalhadamente a pesquisa, com seu instrumento e as análises realizadas. Com a intenção de não tornar o texto repetitivo, o delineamento não será tratado nessa introdução.

Foi escolhido o modelo escandinavo para apresentação desta dissertação, por entender que a publicação de artigos é o meio privilegiado pelo qual os resultados chegam mais rapidamente à sociedade. Desta forma, o texto aqui apresentado está composto por: a) introdução, b) dois artigos completos: *Fenomenologia e Psicologia – a (in)compreensão de psicólogos brasileiros: um estudo empírico* (submetido à revista Psico-USF em 27 de abril deste ano; e *A “Psicologia Fenomenológica” de Husserl – a (in)compreensão de psicólogos brasileiros: um estudo empírico*; c) discussão; d) considerações finais; e e) lista de todas as referências utilizadas. Assim, o que aqui está posto é o resultado de tal

pesquisa, adicionado de várias noites insones, de algumas tantas garrafas-térmicas de café e de chimarrão, de uma boa dose de reflexão, e, obviamente, de uma leitura que se pretendeu bastante atenta.

O primeiro artigo aborda um breve relato do desenvolvimento da psicologia fenomenológica ao longo da obra de Husserl. Em seguida, apresenta uma parte empírica que trata das questões ligadas à formação acadêmica com relação à fenomenologia, além de buscar averiguar o conhecimento acerca dos pressupostos básicos da fenomenologia filosófica por parte dos psicólogos que se autodeclararam fenomenólogos.

O segundo artigo, por sua vez, apresenta um breve desenvolvimento do entendimento de psicologia fenomenológica no Brasil e sua relação com as psicologias humanista e existencial. Também apresenta um estudo bibliográfico de caráter exploratório realizado na *Scientific Eletronic Library Online* (SciELO) com a expressão “psicologia fenomenológica”. Por fim, evidencia os resultados da pesquisa empírica acima citada, na parte que trata da atuação dos psicólogos no que se refere à fenomenologia, e o entendimento dos psicólogos sobre a viabilidade de uma psicoterapia de orientação fenomenológica.

Ao final do estudo é apresentada uma breve discussão envolvendo o conteúdo da pesquisa como um todo. Seguido de algumas considerações pertinentes a este estudo.

Fenomenologia e Psicologia – a (in)compreensão de psicólogos brasileiros: um estudo empírico

“Fomos conduzidos um pouco mais para as profundidades, e nas profundidades residem as obscuridades e, nas obscuridades, os problemas.”
(Husserl, 1907/1986, p. 30)

Resumo:

O presente artigo apresenta os resultados parciais obtidos na pesquisa de mestrado intitulada *O que o psicólogo compreende por Psicologia Fenomenológica* – psicologia essa elaborada e desenvolvida por Edmund Husserl. Foi realizado um estudo de caráter exploratório, que teve como instrumento de pesquisa um questionário desenvolvido a partir da terceira parte do texto *Artigo para a Enciclopédia Britânica* de Edmund Husserl (1927). Foram levantadas questões fechadas acerca dos fundamentos basais da fenomenologia enquanto fundamento filosófico para as ciências, principalmente para a Psicologia. Os resultados foram analisados descritivamente tendo como parâmetros o texto que serviu de base às assertivas, com o apoio de outros dois textos do mesmo autor: *A ideia da Fenomenologia* (1907) e *Conferências de Paris* (1929). Participaram do estudo 98 psicólogos brasileiros, verificando-se o conhecimento acerca dos pressupostos básicos da Fenomenologia.

Palavras-Chave: Fenomenologia; Husserl; Artigo da Britânica; psicologia fenomenológica.

Abstract:

The present article presents the partial results obtained in the master 's research entitled *What the psychologist understands by Phenomenological Psychology* - psychology elaborated and developed by Edmund Husserl. An exploratory study was carried out, which had as a research tool a questionnaire developed from the third part of the text *Article for Edmund Husserl's Encyclopaedia Britannica* (1927). Closed questions about the basics of phenomenology as a philosophical foundation for the sciences, especially for Psychology, were raised. The results were analyzed in a descriptive way, using as parameters the text that served as the basis for the assertions, supported by two other texts by the same author: *The Idea of Phenomenology* (1907) and the *Paris Conferences* (1929). 98 Brazilian psychologists participated in the study, and the knowledge about the basic assumptions of the Phenomenology was verified.

Keywords: Phenomenology; Husserl; British article; Phenomenological psychology.

Resumen:

Este artículo presenta los resultados parciales obtenidos en la investigación del maestro titulado *Lo que el psicólogo entiende por qué fenomenológico* - Psicología que redactó y desarrollado por Edmund Husserl. Se llevó a cabo un estudio exploratorio, que tuvo como una herramienta de investigación, un cuestionario desarrollado a partir de la tercera parte del artículo de texto para la *Enciclopedia Británica* de Edmund Husserl (1927). Se plantearon preguntas acerca de los fundamentos basales cerradas de la fenomenología como una base filosófica de las ciencias, especialmente para la Psicología. Los resultados fueron analizados descriptivamente que tiene como parámetros el texto que sirvió de base para las afirmaciones, con el apoyo de otros dos textos del mismo autor: *La idea de la fenomenología* (1907) y la *Conferencia de París* (1929). En el estudio participaron 98 psicólogos brasileños, verificando el conocimiento de los supuestos básicos de la fenomenología.

Palabras clave: la fenomenología; Husserl; Artículo británica; la psicología fenomenológica.

2.1 INTRODUÇÃO

O presente artigo apresenta os resultados parciais da pesquisa intitulada *O que o psicólogo compreende por Psicologia Fenomenológica* – psicologia concebida originariamente pelo filósofo Edmund Husserl (1859-1938) –, realizada no âmbito de um Programa de Mestrado em Psicologia. A pesquisa nasceu dos questionamentos dos pesquisadores do LabFeno (Laboratório de Fenomenologia e Subjetividade da Universidade Federal do Paraná – UFPR) sobre a compreensão e o entendimento conceitual, por parte dos psicólogos, do que seria a Psicologia Fenomenológica desenvolvida por Edmund Husserl ao longo de sua obra. Para o filósofo (1913/2007) a fenomenologia é uma ciência de “fenômenos”, ou mais propriamente, uma “ciência das manifestações”, porém possui um sentido de fenômeno e uma atitude completamente diferente das demais ciências. É dessa maneira que Husserl inaugura a Fenomenologia, entendendo o fenômeno também em uma esfera fenomenológica (transcendental), eliminando dele a posição científica naturalista a partir da reflexão fenomenológica. Sokolowski (2012, p.17) esclarece que “a doutrina nuclear em fenomenologia é o ensinamento de que cada ato de consciência que nós realizamos, cada experiência que nós temos, é intencional: é essencialmente ‘consciência de’ ou uma ‘experiência de’ algo ou de outrem”.

Goto (2008), na mesma direção, aponta que, segundo Husserl, para que a Psicologia possa ser uma autêntica “ciência da consciência”, no sentido de uma ciência universal da vida psíquica, ela deveria se constituir como uma *psicologia* racional ou *pura*, radicalizada na atitude fenomenológica, a fim de que se eliminasse todo o prejuízo científico-natural de suas investigações. Isso significa eliminar a pretensão da psicologia empírica e experimental se arvorar a si própria como a ciência fundamental do conhecimento e da consciência psicológica. Husserl (1911/1965) afirma que as ciências positivas, ou seja, não-filosóficas, não podem ser ciências últimas, absolutas; somente essas se justificam a partir de fundamentos cognoscitivos últimos.

Assim deve se constituir a Psicologia Fenomenológica, uma nova psicologia que pressupõe em seu fundamento científico a Fenomenologia. Essa nova psicologia é completamente distinta das psicologias empíricas e científicas que são “psicologia de fatos naturais”, tal como afirma Husserl (1911/1965), pois essas não chegam a uma investigação direta daquilo que é propriamente a consciência, a vida

psíquica na sua essência e todas as suas formas e modos distintos. Ao contrário disso, a Psicologia Fenomenológica, eliminando todo prejuízo naturalista, pode dirigir-se diretamente ao propriamente psíquico, porém só é possível com o uso da *epoché* (ἐποχή), fazendo com que as propriedades inerentes da consciência possam se manifestar enquanto tal, para que a consciência apareça a partir de sua característica mais fundamental, ou seja, os atos de consciência ou a intencionalidade.

Assim, a Psicologia Fenomenológica apareceu na Fenomenologia frente à análise da consciência tratada fenomenologicamente, ou seja, eliminando toda a ideia natural-científica. A análise da consciência exige começar por aquilo que está mais próxima de nossas vivências, ou seja, a nossa experiência com o mundo. No entanto, ao mesmo tempo em que estamos conectados com o mundo (e as coisas), também nos mantemos conectados a um “eu”. Esse “eu” tem tanto uma dimensão empírica, temporal e espacialmente ligado ao mundo, quanto uma dimensão transcendental, ou seja, uma condição imprescindível que nos permite estar correlacionados a um mundo; permite termos vivências conscientes, intencionais. Dessa maneira, Husserl, a caminho da “consciência transcendental” (do “eu transcendental”), inevitavelmente teve que percorrer a consciência e o eu psíquico. Com isso impôs-se a necessidade de desenvolver uma Psicologia cientificamente rigorosa, não experimental, em decorrência de sua crítica às limitações do cientificismo naturalista para o estudo da subjetividade (Goto, 2008). Husserl passou a desenvolver tal psicologia na fenomenologia filosófica, chegando a um modelo de rigor científico necessário para o estudo da subjetividade tal como ela se apresenta. Castro (2009) reforça essa ideia, destacando que no final do séc. XIX, a subjetividade era tratada como um subproduto psicofísico e que não captava a essência que constitui a relação experiencial de um sujeito com seu meio, mas procurava “encaixá-las” em um sistema teórico. Ele continua indicando que a Fenomenologia de Husserl apresentou uma nova disciplina psicológica, que serve de solo para “todas as abordagens que procuram estudar rigorosamente a subjetividade ou a experiência psicológica” (Castro, 2009, p. 23).

No entanto, a chamada “psicologia fenomenológica”, desenvolvida e elaborada também aqui no Brasil, parece diferente dessa nova disciplina vislumbrada por Husserl, quando entramos em contato com as diversas propostas apresentadas pelos psicólogos brasileiros. Goto (2008) afirma que, se de um lado o

uso da Fenomenologia e sua relação com a Psicologia tem um aspecto altamente positivo no desenvolvimento de “outras” psicologias no Brasil; por outro, foi também proporcionando equívocos e confusões conceituais na psicologia e em outras ciências. Esse parece um ponto importante, porque mesmo que a concepção de uma Psicologia como fenomenológica tenha possibilitado, em diversos países e períodos, o surgimento de psicologias compreendidas como abordagens de cunho “fenomenológico-existenciais”, tais como a Psicologia Existencial, Gestalt-Terapia, Abordagem Centrada na Pessoa, Daseinsanálise, Logoterapia, entre outras variações – e isso se reproduziu também na constituição das escolas psicológicas brasileiras depois de 1970. Concomitantemente a elas, apareceram também psicologias denominadas como “psicologias fenomenológicas”, que argumentam ter em sua base a perspectiva husserliana. Essas “psicologias fenomenológicas” podem ser encontradas nos argumentos de alguns autores como: Aron Gurwitsch (1966), Joseph J. Kockelmans (1967, 1987), Ernest Keen (1975/1979), Dreyer Kruger (1979) e Amedeo Giorgi (1985, 2009, 2010). Aqui no Brasil também é possível encontrar esses argumentos, ou seja, uma mesma ideia de “psicologia fenomenológica” em autores como Yolanda Cintrão Forghieri (1984; 1993), William Barbosa Gomes (1998), Maria Alves de Toledo Bruns e Adriano Furtado Holanda (2003) e Tommy Akira Goto (2007). Desse conjunto de autores, somados a tantos outros provenientes das ditas abordagens fenomenológicas e existenciais, que formou-se oficialmente esse ramo acadêmico e profissional na Psicologia, com publicações e fazeres profissionais alicerçados nas bases dessas abordagens.

Neste sentido, esta pesquisa foi desenvolvida com o objetivo de verificar a compreensão dos psicólogos acerca da proposta de uma “psicologia fenomenológica” originada na Fenomenologia de Husserl. Espera-se, com tal estudo, poder identificar se existem possíveis continuidades, paralelos ou mesmo distorções entre a disciplina proposta por Husserl e a sua apreensão entre os psicólogos brasileiros.

2.2 MÉTODO

Foi realizada uma pesquisa de caráter exploratório, no período de 11 a 30 de novembro de 2016, tendo como participantes psicólogos (professores e profissionais da Psicologia), com o objetivo de estudar a compreensão que os mesmos possuem

sobre Fenomenologia e Psicologia Fenomenológica, vez que se autodenominam seguidores dessa área da Psicologia. O instrumento utilizado foi um questionário, aplicado *online*, em que os participantes responderam a questões relacionadas à Fenomenologia e sua relação com a prática profissional. O projeto, com seu instrumento, foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa do Setor da Saúde da UFPR, e foi aprovado em 11 de novembro de 2016, sob parecer nº 1818086. Desta forma, foram respeitados o sigilo e os princípios éticos para pesquisas com seres humanos. O contato-convite para participar da pesquisa foi realizado por meio eletrônico (email e redes sociais). Para responder à pesquisa, o participante deveria ser Psicólogo e concordar com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). É importante destacar que não houve critério de exclusão.

O instrumento foi desenvolvido em três partes, sendo as duas primeiras de resposta obrigatória, a saber:

a) A primeira parte foi composta de 12 questões sócio-demográficas e de dados sobre a formação acadêmica dos participantes. E, contou com questões como idade, sexo, tempo decorrido da graduação, unidade da federação em que se formou, e, por fim, se no curso de formação havia a oferta de disciplinas relacionadas à Fenomenologia (quantas e quais eram essas disciplinas e se o participante teve contato com a Fenomenologia);

b) A segunda parte foi composta de sete questões em escala *Likert* de sete pontos, com o objetivo de averiguar o conhecimento específico dos participantes acerca dos fundamentos da Fenomenologia de Husserl. Essa parte teve como fundamentação teórica um texto original de Edmund Husserl (1927/1971, 1927/1990): a terceira parte (nomeada “Fenomenologia Transcendental e Filosofia como Ciência Universal com fundamentos absolutos”) do texto *O Artigo para a Enciclopédia Britânica*¹. As assertivas/questões referentes a essa parte foram as seguintes: Questão 15: *A Fenomenologia não tem a pretensão de ser a base para todas as ciências*; Questão 16: *A Fenomenologia é a ciência de todos os fenômenos transcendentais*; Questão 17: *A Fenomenologia não é capaz de englobar todos os problemas teleológicos, metafísicos, éticos, racionais*; Questão 18: *Somente a Fenomenologia pode converter as ciências em ciências genuínas*; Questão 19: *A fundamentação fenomenológica não nos dá uma fundamentação científica radical*;

¹ A partir deste momento denominado simplesmente como o *Artigo*.

Questão 20: *A Fenomenologia é a ciência universal da intersubjetividade transcendental*; e, Questão 21: *A Fenomenologia é capaz de superar radicalismos como o subjetivismo, o objetivismo, o psicologismo, o racionalismo, o empirismo*. Para todas as assertivas, as alternativas foram: 1) concordo totalmente; 2) concordo em grande parte; 3) concordo parcialmente; 4) indiferente; 5) discordo parcialmente; 6) discordo em grande parte; e, 7) discordo totalmente; e

c) A terceira parte composta de cinco questões, sendo quatro discursivas e uma de múltipla escolha (sim/não), com o objetivo de analisar o que o psicólogo compreende por “Psicologia Fenomenológica” e como a utiliza em sua prática profissional. Nesta parte, as respostas foram facultativas, levando-se em consideração a possibilidade de que poderiam ser “perdidas” as respostas das partes anteriores, caso o participante não estivesse disposto a escrever. A análise desta parte será desenvolvida em artigo posterior.

A escolha do *Artigo*, utilizado na segunda parte do questionário, justifica-se devido a ele ser uma espécie de “síntese” do projeto da psicologia fenomenológica, pois engloba os conceitos básicos da fenomenologia em sua relação com a Psicologia de forma mais sucinta que a que encontramos em *Psicologia Fenomenológica* de 1925 (Reis, Holanda, & Goto, 2016). Porta (2013) ainda indica que, em 1927, Husserl estava seguro de ter alcançado a superação do psicologismo, por ter encontrado uma ideia definitiva da filosofia transcendental e com ela, da psicologia pura; ao que corrobora Castro (2009) quando afirma que no *Artigo*, Husserl evidencia sua preocupação quanto a uma transição do paradigma científico, em especial da ciência psicológica. O filósofo alemão apresenta uma psicologia que se preocupa com a realidade subjetiva extra-física, que corresponde à dimensão da experiência de um determinado evento ou processo psicológico (Castro, 2009). Reis & cols. (2016) complementam apontando que, na terceira parte do *Artigo*, Husserl apresenta a fenomenologia transcendental, que àquela altura está plenamente desenvolvida, e que tem a capacidade de englobar todos os problemas racionais.

Foram utilizadas a versão em inglês, traduzida por Richard Palmer e a versão em espanhol, traduzida e trabalhada por Antonio Ziri6n Quijano. A versão em inglês foi publicada em 1971 (*Phenomenology – Britannica Article, Fourth Draft*. Volume 2, Issue 2) e a versão em espanhol em 1990 (*El Art6culo De La Encyclopaedia Britannica*). O texto original foi publicado em alem6o em 1927 (*Der Encyclopaedia*

*Britannica Artikel*²). A versão do *Artigo* para o português, foi realizada durante o segundo semestre de 2015, em um grupo de estudos do LabFeno, e envolveu alunos de graduação e pós-graduação (Mestrado), bem como integrantes do laboratório que naquela ocasião não estavam vinculados à instituição de ensino.

Essa parte do *Artigo* se mostrou importante porque Husserl pontua que a fenomenologia transcendental, sistemática e plenamente desenvolvida, é por si mesma uma ciência de fundamentos para todo e qualquer conhecimento, tornando-se a filosofia primeira, universal, devido à sua autorreflexão radical. Também aponta que o subjetivismo empírico (naturalizado) só pode ser superado por meio da integração transcendental dos polos sujeito-objeto, ou seja, na forma mais universal de uma investigação sobre as essências que está relacionada à subjetividade transcendental e em sua orientação transcendental (Reis, Holanda, & Goto, 2016).

Ainda, no *Artigo*, Husserl (1927/1990) afirma que a fenomenologia deve ser a base para todas as ciências, mais ainda, das ciências *a priori*, ou seja, “de fundamento” e, que, somente a Fenomenologia pode converter as ciências em ciências genuínas. É com uma fundamentação fenomenológica que teremos uma autêntica fundamentação científica radical, por se constituir como uma ciência de todos os fenômenos transcendentais; de todo ser como tal, em plena concretude, tirado de uma atitude de positividade natural, que produz seu sentido de ser e sua validade por meio da constituição intencional correlativa. Vale ressaltar, que esta tese da Fenomenologia como fundamentação das ciências, atravessa todos os escritos husserlianos, constituindo sua tese “epistemológica” (Holanda, 2009, 2014), como podemos encontrar em *A Filosofia como ciência de rigor* (Husserl, 1911/1965) ou nas *Ideias para uma fenomenologia pura e uma filosofia fenomenológica* (Husserl, 1913/2007), a título de exemplificação.

Na fenomenologia, todos os problemas racionais, cognoscitivos, têm seu lugar, e assim, também aqueles que tradicionalmente são, em algum sentido, filosoficamente significativos. As fontes absolutas de experiência transcendental, ou intuição eidética, só recebem sua formulação genuína e meios viáveis para sua solução na fenomenologia. Isto é, reconhece sua função de autorreflexão que encontra a realização relativa da ideia prática correlativa de uma vida humana

² Der Encyclopaedia Britannica Artikel, publicado na *Phänomenologische Psychologie, Vorlesungen Sommersemester 1925. Husserliana* (Edmund Husserl *Gesammelte Werke*), Band IX herausgegeben von Walter Biemel

genuína (como uma vida conscientemente e intencionalmente dirigida para uma ideia absoluta). Desta maneira, somente a Fenomenologia é capaz de englobar todos os problemas teleológicos, metafísicos, éticos, racionais (Husserl, 1927/1971, 1927/1990). É com a Fenomenologia que seremos capazes de superar radicalismos como o subjetivismo, o objetivismo, o psicologismo, o racionalismo, o empirismo. Assim, por exemplo, o empirismo só pode ser superado pelo empirismo mais universal e consistente, o que coloca no lugar da “experiência” limitada dos empiristas, o conceito, necessariamente alargado, de experiência da intuição que oferece dados originais, uma intuição que em todas as suas formas (intuição de *eidos*, evidência apodítica, intuição fenomenológica das essências, etc.) mostra o modo e a forma de legitimação através da clarificação fenomenológica. A fenomenologia, enquanto eidética, por outro lado, é racional; no entanto, ela supera o limitado racionalismo dogmático por meio do racionalismo mais universal de uma investigação sobre essências que está relacionada uniformemente à subjetividade transcendental, ao ego, à consciência e a objetividade consciente. E, o mesmo haveria de dizer às demais antíteses relacionadas umas às outras (Husserl, 1927/1971, 1927/1990).

Como base teórica para análise desta parte, foram utilizados também os textos *A Ideia da Fenomenologia* (1907/1986) e *Conferências de Paris* (1929/2013); textos esses que possuem, entre si, certa identidade como documentos “introdutórios” – como são o caso das “cinco lições” de Göttingen, que redundaram na *A Ideia da Fenomenologia*; ou as conferências na Sorbonne, de 1929, a convite da *Académie Française*.

Sobre a análise dos dados, faz-se necessário esclarecer que os dados da escala *Likert* foram simplificados de sete pontos para três, em virtude do número de participantes que geraram uma dispersão tal que a análise seria dificultada. Desta forma, foram analisadas a concordância ou discordância com relação à assertiva, em algum grau. Assim, as respostas 1 a 3 (“concordo totalmente”, “concordo em grande parte” e “concordo parcialmente”), foram analisadas como “concordo em algum grau” e as respostas 5 a 7 (“discordo parcialmente”, “discordo em grande parte” e “discordo totalmente”) foram analisadas como “discordo em algum grau” e, as respostas 4 (“indiferente”) não foram modificadas.

2.3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Responderam ao questionário cem (100) participantes. Destes, dois declararam o ano de formação posterior à data de coleta e, assim foram excluídos da pesquisa. Por fim, a pesquisa contou com 98 participantes, todos autodeclarados psicólogos. A primeira parte, por constituir-se de questões envolvendo dados acadêmicos e sócio-demográficos, foi analisada comparando os egressos de instituição pública com os egressos de instituição privada/particular. Para a segunda e terceira partes foi realizada a comparação entre “psicólogos fenomenólogos” e “psicólogos não fenomenólogos”.

2.3.1 Perfil sócio-demográfico e acadêmico

A idade dos participantes variou entre “até 25” anos e “acima de 60”, com prevalência da faixa etária abaixo de 31 anos (46%), indicando o extrato “jovem”, conforme Tabela 1.

Tabela 1 – Idade dos participantes (em anos)

	Idade							N total
	Até 25	26 a 30	31 a 35	36 a 40	41 a 45	46 a 50	Acima de 50	
Participantes	21	24	18	13	5	2	15	98
%	21,4	24,5	18,4	13,3	5,1	2,0	15,3	100

O tempo decorrido da conclusão da graduação dos participantes ficou distribuído entre 0 (zero) e 39 anos, sendo 60% com até cinco anos, conforme Tabela 2. Houve uma prevalência de 9,2% de participantes com mais de vinte anos de conclusão da graduação, isto pode auxiliar na captação de sentidos para o tema, decorrente de uma maior experiência profissional.

Tabela 2 – Tempo decorrido desde a graduação dos participantes (em anos)

	Anos decorridos desde a graduação					N total
	Até 5	6 a 10	11 a 15	16 a 20	Mais de 20	
Participantes	59	21	7	2	9	98
%	60,2	21,4	7,1	2	9,2	99,9

A pesquisa abrangeu participantes graduados em todas as regiões do país, com maior prevalência da região Sudeste, conforme mostra a Tabela 3. Um dos participantes declarou ter se formado em Portugal, e 23 deles não indicaram a unidade da federação em que se formaram.

Tabela 3 – Distribuição geográfica da graduação dos participantes da pesquisa

Tabela 8 – Distribuição geográfica da graduação dos participantes da pesquisa																		
	Sudeste			Centro-Oeste				Nordeste			Norte		Sul		Outras Respostas		N total	
	SP	MG	RJ	ES	DF	GO	MT	RN	PI	CE	PE	RO	PR	SC	RS	Brasil Por-tugal		
Participantes	18	17	2	1	3	1	1	1	2	1	1	1	19	5	1	23	1	98
%	18.4	17.3	2.0	1.0	3.1	1.0	1.0	1.0	2.0	1.0	1.0	1.0	19.4	5.1	1.0	23.5	1.0	99.8

Quanto à instituição de ensino em que os participantes fizeram sua formação, 61 (62,2%) deles declararam terem se formado em instituição privada e 37 (37,8%) em instituição pública. A Tabela 4 apresenta a oferta de disciplinas que os participantes declararam serem ligadas à fenomenologia, 65 deles declararam que suas instituições ofertaram pelo menos uma disciplina e 63 declararam que havia disciplinas obrigatórias entre estas. Enquanto 53 participantes declararam que a instituição de ensino ofereceu possibilidade de estágio com viés fenomenológico.

É interessante notar que, a partir da declaração dos participantes, 33,7% das instituições de ensino não oferecem disciplinas consideradas “fenomenológicas”, mesmo sendo estabelecida pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Psicologia (2004) a necessidade da “compreensão dos múltiplos referenciais que buscam apreender a amplitude do fenômeno psicológico”, como também faz parte do conteúdo teórico previsto pelo Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (ENADE, 2009) na área da Psicologia.

A proporção entre as universidades públicas e privadas se mantém em números próximos a este – 34,4% para as privadas e 32,4 para as públicas. Quanto ao número de disciplinas consideradas “fenomenológicas”, 26 participantes declaram que sua instituição de ensino ofertou apenas uma; 18 participantes declaram que houve duas disciplinas; 09 participantes declararam três disciplinas; 05 declararam quatro disciplinas e 07 declararam cinco ou mais disciplinas. Os dados sugerem que as instituições públicas têm tendência a oferecer mais disciplinas específicas desta “abordagem” que as instituições privadas.

Tabela 4 – Disciplinas relacionadas à fenomenologia

Instituição	Participantes	Disciplinas de fenomenologia		Nº de disciplinas					Havia disciplinas obrigatórias?		Estágio em abordagem fenomenológica	
		Sim	Não	1	2	3	4	5 ou +	Sim	Não	Sim	Não
Pública	37	25	12	8	7	3	4	3	25	0	20	5
Privada	61	40	21	18	11	6	1	4	38	2	33	7
	98	65	33	26	18	9	5	7	63	2	53	12

O contato com a Fenomenologia deu-se prioritariamente por meio de disciplinas – específicas ou não – (81,7%), como mostra a Tabela 5. No caso dos participantes egressos de instituições públicas, os dados sugerem que os participantes tiveram contato com a Fenomenologia por meio de disciplinas específicas. Já no caso de egressos de instituições privadas, o número de disciplinas específicas ofertadas é maior que o número de participantes que tiveram contato com a Fenomenologia por meio de disciplina específica. Esta situação sugere que, a) ou o participante teve acesso à fenomenologia anteriormente ao contato com a disciplina específica (outras disciplinas, eventos, etc.); ou b) a disciplina não cumpriu o que se propôs, tal como conteúdo de caráter humanista ou existencial, tendo havido o contato posterior por meio de outras fontes. Além do contato por meio de disciplinas, 07 dos participantes tiveram contato com a fenomenologia em eventos, enquanto 10 participantes por outras fontes, a saber: professores (02), colegas (02), livros (02), estudos pessoais (01), estágio obrigatório (01), cursando mestrado e doutorado (01) e obras espíritas (01). Os dados apresentados também sugerem que os eventos promovidos na área estão sendo pouco eficazes na divulgação da fenomenologia, não sendo um meio de primeiro contato com a “abordagem”.

Os participantes declararam variados nomes para as disciplinas específicas “de fenomenologia” oferecidas em seus cursos de origem, apresentando 95 nomes ao todo³. Deste universo de nomes, 50 têm o termo *fenomenologia* ou *fenomenológica(o)* na denominação; 35 trazem sua denominação associada ao termo *existencial* ou *existencialismo* e 14 contêm o termo *humanista* ou *humanismo*. Além destas, 04 disciplinas apresentam o termo *gestalt* ou *gestalt-terapia*. Ainda, apareceram também, disciplinas de filosofia, psicodiagnóstico (compreensivo e interventivo), teorias da personalidade, teorias psicológicas/psicoterápicas, entre outras⁴. Esta situação sugere que há um grande desconhecimento sobre o que é a fenomenologia e, conseqüentemente sobre o que é a “psicologia fenomenológica”. Isso nos lembra DeRobertis (1996) que adverte que o

³ Algumas disciplinas têm nomes muito parecidos, como “psicologia fenomenológica-existencial” e “psicologia fenomenológico-existencial” – nestes casos foram considerados como sinônimos.

⁴ Humanista; Psicologia e Linguagem; Psicologia e Saúde; Humanismo; Centrada na Pessoa; Teorias da Personalidade; Técnicas Psicoterápicas; etc.

(...) avanço da fenomenologia na psicologia vincula alguns [psicólogos] à concepção equivocada de que a fenomenologia refere-se meramente ao tipo de psicologia humanista como a de Carl Rogers ou a de Abraham Maslow. Essa concepção é também um erro. Embora o método fenomenológico seja usado na psicologia, a fenomenologia não é meramente uma psicologia. Além disso, as psicologias humanistas, influenciadas frequentemente pelo pensamento existencial e fenomenológico, não empregam o método fenomenológico fundado por Husserl (p. 39).

Ainda, os nomes dados às disciplinas de fenomenologia na área da psicologia mostram explicitamente a existência de certa confusão e entrelaçamento (ou identificação) de um projeto epistemológico e metodológico com abordagens terapêuticas, psicoterapêuticas, clínico-sociais, etc.; além, de expressarem certa apropriação da Fenomenologia como fundamento teórico, levando assim a se constituírem mais como propostas cuja “visão de mundo” vem da fenomenologia, que propriamente psicologias fenomenológicas.

Tabela 5 – Contato com a fenomenologia

Instituição	Participantes	Oferta de disciplinas de fenomenologia no curso		Como teve acesso à fenomenologia			
		Sim	Não	Disciplina específica	Outra disciplina	Evento	Outros
Pública	37	25	12	25	6	2	4
Privada	61	40	21	33	17	5	6
	98	65	33	58	23	7	10

A Tabela 6 mostra dados que sugerem existir uma relação positiva entre o contato com a fenomenologia nas disciplinas da graduação e a utilização profissional da “abordagem fenomenológica”, porque dos 31 participantes egressos de instituição pública, 29 declararam utilizar “abordagem fenomenológica” em sua atuação profissional. No caso dos egressos de instituição privada, o número de participantes é igual nas duas situações. Esse resultado também sugere que esta relação é preponderante à oferta de estágio com viés fenomenológico, uma vez que o número de participantes que se utilizam de uma “abordagem fenomenológica” é, em ambos os casos, maior que o número de declarações de instituições que oferecem estágio com esse viés.

Tabela 6 – Relação entre ofertas de disciplina de fenomenologia no curso e utilização de “abordagem fenomenológica”

Instituição	Participantes		Acesso à fenomenologia por meio de disciplina específica ou não		Oferta de estágio com viés fenomenológico				Utilização de abordagem fenomenológica			
					Sim		Não		Sim		Não	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Pública	37	37,8	31	38,3	20	37,7	5	41,7	29	36,7	8	42,1
Privada	61	62,2	50	61,7	33	62,3	7	58,3	50	63,3	11	57,9
	98	100	81	100	53	100	12	100	79	100	19	100

2.3.2 Fundamentos filosóficos da fenomenologia

Nessa parte do questionário obteve-se a resposta de todos os 98 participantes, sendo que destes, 79 declararam fazer uso de alguma “abordagem fenomenológica” em seus fazeres profissionais. Optou-se por apresentar também, embora este não seja o foco, os dados de profissionais que declararam não fazer uso de “abordagem fenomenológica”, para título de comparação. A expectativa esperada era que os psicólogos que se declarassem “fenomenólogos” apresentassem mais respostas em concordância com o postulado de Husserl acerca da fenomenologia que os psicólogos não declarados “fenomenólogos”.

Bem, considerando todas as respostas⁵, nota-se que apenas pouco mais da metade dos psicólogos que se declararam “fenomenólogos”, ou seja, 53% dos participantes responderam às assertivas em algum grau de concordância com as ideias de uma fenomenologia pura ou mesmo de uma filosofia fenomenológica elaborada por Husserl. Ainda, 37% dos participantes responderam às assertivas em algum grau de discordância do postulado da fenomenologia de Husserl. Interessante também são os dados relativos às respostas dos psicólogos “não fenomenólogos”, pois 28% deles concordam, em algum grau, com o postulado fenomenológico de Husserl.

Esses dados sugerem que, embora 65% dos participantes tenham declarado que suas instituições de ensino tenham oferecido disciplina específica de fenomenologia (ver Tabela 4), conhecimentos básicos da fenomenologia, tal como definição, método e a sua relação com a Psicologia, deixaram de ser apreendidos ou não foram claramente expostos. Cabe aqui alguns questionamentos, como o fato de saber se os docentes responsáveis pelas disciplinas igualmente corroboram com esses dados; se as disciplinas realmente eram de base fenomenológica (mesmo que do ponto de vista histórico-epistemológico); se nas ementas, programas e

⁵ Respostas de todos os participantes a todas as perguntas.

bibliografias utilizadas havia fundamentação fenomenológica ou sob o título de Fenomenologia; ou ainda, se teriam sido utilizadas alguma referência distinta de sua tradição. Seguramente são questionamentos a serem verificados em investigações posteriores. A Figura 1 apresenta um gráfico comparativo das respostas totais dos dois grupos de participantes.

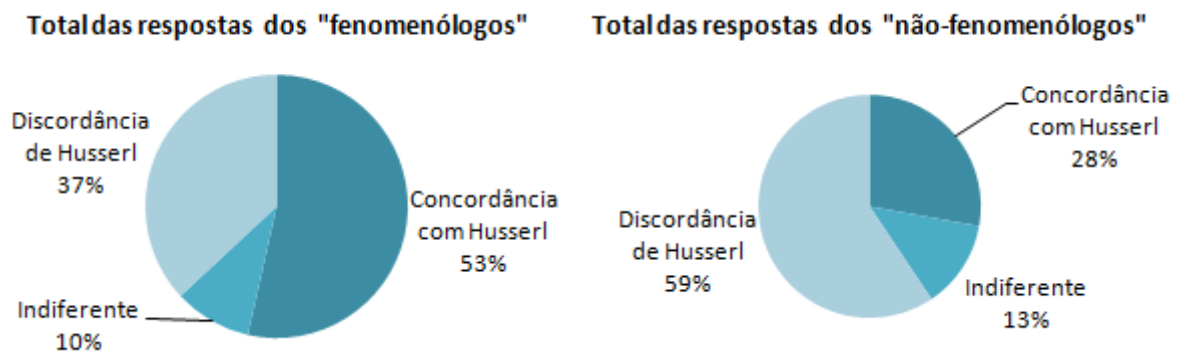


Figura 1 – Respostas dos participantes a todas as perguntas

Sobre a relação da fenomenologia com a ciência, como mostra a Figura 2 (referente à questão 15), apenas 25 (25,5%) de todos os participantes demonstram compreender que Husserl tinha o objetivo de fundar uma ciência que servisse de base para todas as ciências. Entre os psicólogos que declararam fazer uso de alguma “abordagem fenomenológica”, somente 22 (27,5%) demonstraram tal compreensão. Nas *Conferências de Paris*, Husserl defende a fenomenologia como uma ciência extraordinariamente peculiar, que seja uma *egologia* pura, produzida “pela e na minha subjetividade transcendental”, para que consiga “ser o fundamento mais basilar da Filosofia no sentido cartesiano da Ciência Universal” (Husserl, 1929/2013, p. 10). Ainda, afirma Husserl (1927/1999) que:

Se tomarmos o universo de todas as ciências empíricas possíveis, em geral, e exigirmos uma fundamentação radical, livre de toda a crise de fundamentos, isso nos conduz a um *a priori* universal na fundamentação radical, isto é, a uma fundamentação fenomenológica (Husserl, 1927/1999, p.78).



Figura 2 – A fenomenologia não tem a pretensão de ser a base para todas as ciências

Quando se coloca a questão referindo-se aos fenômenos como transcendentais, tal como mostra a Figura 3, a situação se inverte, porque 42 participantes “fenomenólogos”, 54,4% dos participantes, concordam em algum grau que a fenomenologia é a ciência *par excellence* de todos os fenômenos transcendentais (questão 16). Husserl postula que, em seu desenvolvimento sistemático, a fenomenologia transcendental supera o “dogmatismo” de todas as ciências concebíveis *a priori*. É, portanto, a ciência da totalidade dos seres objetivamente existentes, ciência do ser em plena concreção, que produz seu sentido de ser e de sua validade por meio da constituição intencional correlativa (Husserl, 1927/1971; 1927/1990).

Ainda, segundo Husserl (1907/1986), o transcendental tem dois sentidos. No primeiro, transcendente é aquilo que não está aparente, não autodado, o “trans-intentado”; o inclusamente contido, como o lado oculto de um cubo percebido. Num segundo, e não menos importante, a transcendência é aquilo que perpassa o singular, que se faz como *autopresentação em sentido absoluto*: “O conhecimento do *universal* é algo singular, é sempre um momento na corrente da consciência; o *próprio universal*, que aí está *dado* na evidência, não é algo de singular, mas sim, um universal, portanto transcendente em sentido verdadeiro” (Husserl, 1907/1986. Grifos no original). É possível atribuir questionamentos sobre a compreensão, por parte dos psicólogos “fenomenólogos” daquilo que Husserl postula como “transcendental”, uma vez que, ao adicionar a palavra *transcendental*, vinculada ao objeto da ciência, observa-se que a posição dos psicólogos fenomenólogos nessa questão é oposta à da possibilidade de fenomenologia servir de base para as ciências. Em outras palavras, os mesmos psicólogos que não acreditam que a

fenomenologia possa fundamentar todas as ciências declaram, ao mesmo tempo, que é ela quem fundamenta todos os fenômenos transcendentais. Ainda assim, esse número não passa de um pouco mais da metade dos psicólogos “fenomenólogos”.

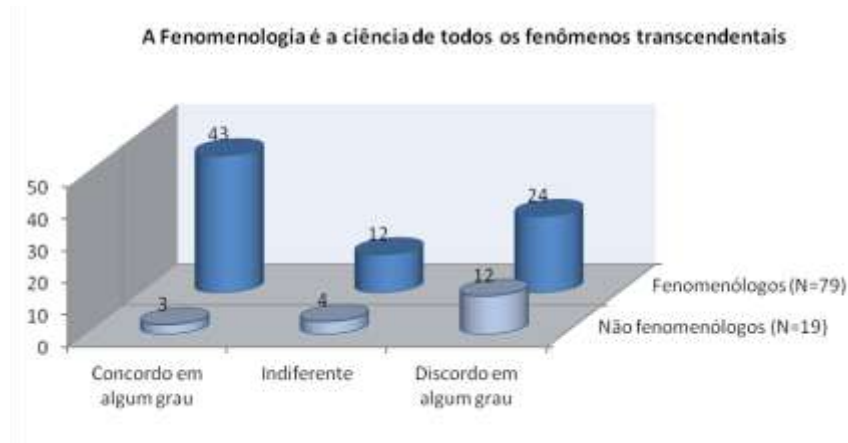


Figura 3 – A fenomenologia é a ciência de todos os fenômenos transcendentais

Sobre a ideia da abrangência a fenomenologia, pouco mais da metade (54,4%) do número de psicólogos “fenomenólogos” acredita que a fenomenologia consegue englobar os problemas de ordem teleológica, metafísica, ética e racional (questão 17), como nos mostra a Figura 4. Para Husserl, todos os problemas racionais têm seu lugar na fenomenologia, inclusive aqueles que tradicionalmente têm sido considerados filosoficamente significativos (Husserl, 1927/1971; 1927/1990). A fenomenologia reconhece as normas teleológico-tendenciais como uma função de autorreflexão que encontra a realização de uma vida dirigida consciente e voluntariamente à ideia de um absoluto. Assim, os problemas teleológicos, éticos, metafísicos, enfim, todos os problemas da razão judicativa têm seu espaço na fenomenologia (Husserl, 1927/1971; 1927/1990). É interessante notar nesse item que 30 psicólogos “fenomenólogos” (38%) acreditam não ser possível à fenomenologia englobar tais problemas. Observando as respostas ao instrumento, observa-se que apenas 11 psicólogos “fenomenólogos” responderam às duas assertivas em concordância com o postulado de Husserl. Isto é, dos 43 que aparecem em concordância com o filósofo, 23 responderam de forma oposta a cada uma das duas assertivas.



Figura 4 – A fenomenologia não é capaz de englobar todos os problemas teleológicos, metafísicos, éticos, racionais

Já nas Figura 5 e Figura 6, pode-se perceber que os psicólogos “fenomenólogos” estão divididos quanto à posição de que somente a fenomenologia pode converter as ciências em ciências genuínas, bem como quanto à possibilidade de a fenomenologia dar uma fundamentação científica radical (questões 18 e 19). Para Husserl, já em 1907, as ciências não poderiam ser vistas como sistemas de verdades que pudessem ser empregadas como premissas de algo, mas só seria possível dispor delas enquanto fenômenos; a ciência objetiva não poderia elucidar as possibilidades do conhecimento (Husserl, 1907/1986). Mais adiante, no mesmo texto, acrescenta que o “conhecimento é, em todas as suas configurações, uma vivência psíquica: é o conhecimento do sujeito que conhece” (Husserl, 1907/1986, p. 42). No *Artigo*, Husserl, já com a fenomenologia transcendental desenvolvida, postula que com referência às ciências *a priori* historicamente desenvolvidas, apenas uma fundamentação fenomenológica radical poderia transformá-las em genuínas, que se justificam metodologicamente por completo (Husserl, 1927/1971; 1927/1990). Nas *Conferências de Paris* (Husserl, 1929/2013), o filósofo deixa claro que

[...] A teoria do conhecimento autêntica, só tem, assim, pleno sentido enquanto fenomenológico-transcendental, a qual, em vez de ter que ver com inferências, que são um contrassenso, de uma suposta imanência para uma suposta transcendência de “coisas em si” que, alegadamente, seriam, por razões de princípio, incognoscíveis, tem exclusivamente que ver com o esclarecimento sistemático da operatividade cognitiva, na qual estas devem,

de ponta a ponta, ser compreendidas como uma realização intencional (p. 32).

Mais uma vez, a posição dos psicólogos “fenomenólogos” sobre essa questão, mostra que há um grande desconhecimento acerca de questões fundamentais da fenomenologia. E, da mesma forma que ocorreu com as questões apresentadas nas Figuras 3 e Figura 4, apenas poucos psicólogos, como no caso aqui, 07 psicólogos “fenomenólogos” responderam que somente a fenomenologia pode converter as ciências em ciência genuínas e que a fundamentação fenomenológica nos dá uma fundamentação científica radical.

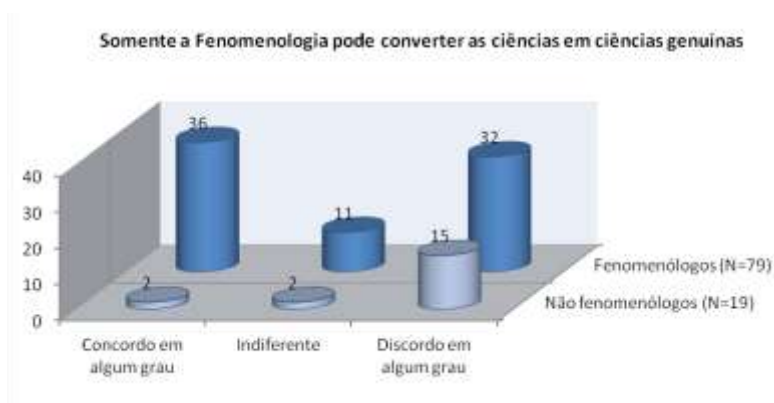


Figura 5 – Somente a fenomenologia pode converter as ciências em ciências genuínas



Figura 6 – A fundamentação fenomenológica não nos dá uma fundamentação científica radical

Husserl, nas *Conferências de Paris* (1929/2013) postula que toda a experiência é experiência do mundo, portanto, toda consciência é, da mesma forma, consciência deste mundo. Assim, “o título *ego cogito* deve ser alargado a mais um membro: todo e qualquer *cogito* tem em si, enquanto visado o seu *cogitatum*” (Husserl, 1929/2013, p. 11). Na mesma direção, o filósofo aponta que a fenomenologia transcendental vai em direção de uma intersubjetividade transcendental, na medida em que não há um ego solipsista (Husserl, 1929/2013).

Com esta assertiva (questão 20), como mostra a Figura 7, os psicólogos “fenomenólogos” estão em concordância com o fundador da Fenomenologia, sendo que 54 deles (81%) acreditam que a fenomenologia é a ciência universal da intersubjetividade transcendental. Caberia, aqui, algum questionamento sobre esta ser uma das duas únicas questões em que estes participantes, em sua maioria, responderam ao questionário em consonância com os fundamentos da fenomenologia. Mas será pelo entendimento mesmo da Fenomenologia, ou a inclusão ideológica do conceito de intersubjetividade – presente na psicologia hoje – no campo da fenomenologia? Respostas para esses questionamentos deixar-se-á para a análise completa da pesquisa, pois ali será possível cruzar os dados com a terceira parte do questionário aplicado.

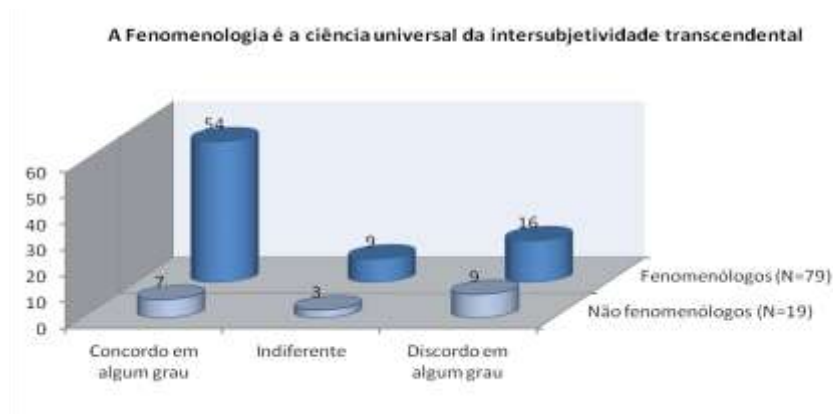


Figura 7 – A fenomenologia é a ciência universal da intersubjetividade transcendental

No *Artigo*, Husserl afirma que, na fenomenologia, as antíteses ambíguas que assolam o mundo filosófico, são resolvidas por si mesmas, sem as artes de uma dialética argumentativa, e sem esforços e compromissos fracos: oposições entre o racionalismo (platônico) e o empirismo, o positivismo e a metafísica, o psicologismo e o anti-psicologismo, o subjetivismo e o objetivismo, e, assim por diante. Diz Husserl que, em todos esses radicalismos há motivos justificados, mas também, em todos eles, meias-verdades ou uma absolutização inadmissível de unilateralidades justificadas relativa e abstrativamente. Neste contexto, por exemplo, o relativismo só pode ser superado por meio do relativismo mais universal, o da fenomenologia transcendental, que torna inteligível a relatividade de todo o ser “objetivo” como transcendentalmente constituído, mas não com o relativismo, com a relatividade

mais radical, a da própria *subjetividade transcendental* (Husserl, 1927/1971; 1927/1990).

A Figura 8 (questão 21) apresenta dados que os psicólogos “fenomenólogos” compreendem que a fenomenologia é capaz de superar os radicalismos, como o subjetivismo, o objetivismo, o racionalismo, o empirismo e o psicologismo. Da mesma forma responderam os “não fenomenólogos”. Esta situação sugere que neste ponto todos os psicólogos concordam. Ainda assim, é de se questionar se esta posição é baseada em conhecimento acerca da proposta husserliana ou é reflexo do exposto na análise da primeira parte desta pesquisa, que com a alcunha de fenomenologia encontram-se as mais diversas abordagens, entre elas a humanista, a existencial e gestalt-terapia.



Figura 8 – A fenomenologia é capaz de superar radicalismos como o subjetivismo, o objetivismo, o psicologismo, o racionalismo, o empirismo

É importante ressaltar que esta é uma apresentação parcial dos dados. Refere-se às duas primeiras partes do questionário utilizado e suas correlações. Em estudo posterior será apresentada a terceira e última parte, com os dados obtidos sobre a compreensão, por parte dos psicólogos acerca da psicologia fenomenológica e a possibilidade de se estabelecer (ou não) uma psicoterapia fenomenológica.

2.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presença da fenomenologia vem crescendo dentro da psicologia, com vários cursos oferecendo disciplinas relacionadas. Neste início de século assistimos a um reavivamento da teoria fenomenológica (Castro & Gomes, 2011) o que torna

pertinente um olhar sobre a forma como ela vem sendo acolhida e utilizada pelos diversos campos do saber, especialmente pela psicologia.

Holanda (2009, 2014) afirma que são muitas as filosofias da existência alicerçadas na fenomenologia, mas que, muitas delas opõem-se ao método husserliano. Isso pode ser claramente visto na pesquisa, onde várias das disciplinas que os participantes se referem como sendo fenomenológicas têm, inclusive, nomes diversos da própria Fenomenologia ou de abordagens psicológicas que seguem esta tradição. Como esperado, foram encontradas entre elas, disciplinas de existencialismo, com diversos nomes, entre eles: Psicologia Fenomenológico-Existencial; Fenomenologia, Existencialismo e Psicologia; Psicologia Humanista-Existencial-Fenomenológica, entre outros.

Isso talvez ocorra pela própria história da fenomenologia no Brasil, uma vez que os primeiros textos da tradição fenomenológica que desembarcaram em solo brasileiro foram traduções de Martin Heidegger e Jean-Paul Sartre, em meados do século XX, enquanto que a primeira tradução de Husserl somente surge mais de vinte anos depois (Holanda, 2016), ficando assim o existencialismo marcado como a filosofia mais difundida do que a própria fenomenologia, e ainda de uma maneira natural e vinculada, e não necessariamente por uma reflexão concreta sobre seus laços e entrelaçamentos mútuos, como encontramos, por exemplo em Thévenaz (1952), quando delimita serem os existencialistas franceses os verdadeiros “herdeiros” de Husserl.

Na psicologia brasileira também existem contrastes e certas confusões epistemológico-históricas com a tradição fenomenológica, principalmente no que se considera por “disciplina fenomenológica”, porque é comum alguns psicólogos relacionarem, por exemplo, a chamada “Abordagem Centrada na Pessoa”, de Carl Rogers com a fenomenologia. Conforme analisa Branco (2015), é possível constar em várias e principais obras de Rogers a inexistência de menções a filósofos fenomenólogos. E, mesmo que em obras mais tardias Rogers cite alguns autores de orientação fenomenológica, ainda é possível considerar que essas “referências são insuficientes para pressupor que a abordagem de Rogers é fenomenológica ou que ele é um fenomenólogo” (p. 56). O mesmo encontramos em autores clássicos, como Spiegelberg (1972), que mesmo assim considera Rogers um “fenomenólogo implícito”.

Além disso, constatou-se que as instituições públicas de ensino oferecem, em média, mais disciplinas específicas de fenomenologia que as instituições particulares, mesmo havendo exigência formal de um conhecimento generalista dos embasamentos epistemológicos para as teorias psicológicas. Em consonância com estes dados, os psicólogos que declararam utilizar “abordagem fenomenológica” em sua atuação profissional tiveram acesso à fenomenologia durante a graduação. Mostrando uma correlação positiva direta entre essas duas variáveis, o que não ocorreu com a oferta de estágio com o mesmo viés. Em virtude disso e do exposto no parágrafo anterior, faz-se necessário um olhar direcionado aos cursos de graduação, com o intuito de averiguar se as ementas das disciplinas estão em consonância com o que seus nomes e definições que propõem.

Chama a atenção também, as respostas da segunda parte do questionário: no levantando das respostas individuais dos 79 psicólogos “fenomenólogos”, nenhum respondeu em consonância com Husserl a todas as assertivas. Esses psicólogos demonstram um desconhecimento quanto aos fundamentos básicos da fenomenologia iniciada por Husserl, levantando novamente a questão quanto às ementas e programas das disciplinas oferecidas em seus cursos.

É especialmente notória a falta de compreensão dos psicólogos “fenomenólogos” quanto à vocação da fenomenologia como fundamento filosófico basal para a constituição das ciências, em especial a Psicologia. Nas assertivas específicas sobre fundamentação científica, os psicólogos “fenomenólogos”, na melhor das hipóteses, ficaram divididos com relação a tal possibilidade. No entanto, ao se tratar de transcendentalidade, a maioria respondeu em concordância com Husserl; da mesma forma quanto à superação de radicalismos. Cruzando esses dados com os nomes das disciplinas ditas “fenomenológicas”, volta a dúvida quanto à compreensão dos fundamentos. Seria, para os psicólogos “fenomenólogos”, a fenomenologia uma “disciplina” que engloba tudo o que não cabe em psicanálise, behaviorismo ou psicologia histórico-cultural, por exemplo?

Embora não fosse o foco original da pesquisa, as respostas às duas primeiras partes do questionário levantaram questões importantes quanto à oferta de disciplinas de cunho fenomenológico. Da mesma forma, quanto ao acervo de conhecimento frágil disponível sobre os fundamentos da fenomenologia dos participantes. Acredita-se serem necessários maiores estudos com relação às

disciplinas fenomenológicas e sua influência no conhecimento dos psicólogos da área a respeito das bases da fenomenologia, sua história e conceituação.

2.5 REFERÊNCIAS

- Branco, P.C.C. (2015). *Psicologia humanista de Carl Rogers: recepção e circulação no Brasil*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais. (Tese de Doutorado).
- Bruns, M.A.T. & Holanda, A.F. (Org.) (2003). *Psicologia e Fenomenologia – Reflexões e Perspectivas*. Capinas: Alínea.
- Castro, T.G. (2009). *Lógica e técnica na redução fenomenológica: da filosofia à empiria em psicologia (dissertação de mestrado)*. Porto Alegre: UFRGS.
- Castro, T.G., & Gomes, W.B. (2011). Movimento Fenomenológico: Controvérsias e Perspectivas na Pesquisa Psicológica. *Psicologia, Teoria e Pesquisa*, 27(2), 233-240.
- Forghieri, Y.C. (1993). *Psicologia Fenomenológica – Fundamentos, Método e Pesquisas*. São Paulo: Pioneira.
- Forghieri, Y.C. (Org.) (1984). *Fenomenologia e Psicologia*. São Paulo: Cortez.
- Giorgi, A. (2009). *The descriptive phenomenological method in psychology: A modified Husserlian approach*. Pittsburg, PA: Duquesne University.
- Giorgi, A. (1985). Sketch of a psychological phenomenological method. In A. Giorgi (Ed.), *Phenomenology and psychological research* (pp. 8-22). Pittsburgh, PA: Duquesne University Press.
- Giorgi, A. & Sousa, D. (2010). *Método Fenomenológico de Investigação em Psicologia*. Lisboa: Fim de Século.
- Gomes, W.B. (1998). *Fenomenologia e Pesquisa em Psicologia*. Porto Alegre: Editora da UFRGS.
- Goto, T.A. (2008). *Introdução à psicologia fenomenológica: a nova psicologia de Edmund Husserl*. São Paulo: Paulus.
- Gurwitsch, A. (1966). *Studies in Phenomenology and Psychology*. Evanston: Northwestern University Press.
- Holanda, A.F. (2009). Fenomenologia e Psicologia: Diálogos e Interloquções. *Revista da Abordagem Gestáltica*, XV(2), 87-92.
- Holanda, A.F. (2014). *Fenomenologia e Humanismo. Reflexões Necessárias*. Curitiba: Juruá Editora.
- Holanda, A.F. (2016). Fenomenologia e Psicologia no Brasil: aspectos históricos. *Estudos de Psicologia*, 33(3), 383-394.
- Husserl, E. (1911/1965). *A Filosofia como ciência de rigor*. Coimbra: Atlântida.

- Husserl, E. (1907/1986). *A ideia da fenomenologia*. (A. Mourão, Trad.) Lisboa: Edições 70.
- Husserl, E. (1913/2007). *Ideias para uma fenomenologia pura e uma filosofia fenomenológica*. Aparecida: Ideias & Letras.
- Husserl, E. (1927/1971). Phenomenology - Britannica Article, Fourth Draft. *Journal of the British Society for Phenomenology*, 2(2), 77-90.
- Husserl, E. (1927/1990). *El Artículo de la Encyclopaedia Britannica*. (A. Z. Quijano, Trad.) México: UNAM.
- Husserl, E. (1929/2013). Conferências de Paris. In: *Meditações Cartesianas e Conferências de Paris: de acordo com o texto de Husserliana I / Edmund Husserl* (P. M. Alves, Trad.). Rio de Janeiro: Forense.
- Keen, E. (1979). *Introdução à Psicologia Fenomenológica*. Belo Horizonte: Interamericana.
- Kockelmans, J.J. (1967). *Edmund Husserl's Phenomenological Psychology. A Historico-critical Study*. Pittsburgh, PA: Duquesne University Press.
- Kockelmans, J.J. Ed. (1987). *Phenomenological Psychology: The Dutch School*. EUA: Kluwer Academic Publishers.
- Kruger, D. (1979). *An Introduction to Phenomenological Psychology*. Pittsburgh, PA: Duquesne University Press.
- Porta, M.A. (2013). *Edmund Husserl: psicologismo, psicologia e fenomenologia*. São Paulo: Edições Loyola.
- Reis, B.B., Holanda, A.F., & Goto, T.A. (2016). Husserl e o artigo para Enciclopédia Britânica (1927): projeto da psicologia fenomenológica. *Psicologia em estudo*, 21(4), 629-640.
- Sokolowski, R. (2012). *Introdução à fenomenologia*. (Moraes, A. O., Trad.). São Paulo: Edições Loyola.
- Spiegelberg, H. (1972). *Phenomenology in Psychology and Psychiatry. A historical introduction*, Evanston: Northwestern University Press.
- Thévenaz, P. (1952). Qu'est-ce que la Phénoménologie? Partie 1 – La Phénoménologie de Husserl. *Revue de Théologie et de Philosophie*, 2, pp. 9-30

A “Psicologia Fenomenológica” de Husserl - a (in)compreensão de psicólogos brasileiros: um estudo empírico

Resumo: O presente trabalho apresenta resultados obtidos na pesquisa de mestrado intitulada *O que o psicólogo compreende por Psicologia Fenomenológica* – psicologia essa elaborada e desenvolvida por Edmund Husserl. Foram realizados dois estudos: a) uma busca no SciELO, com o buscador *psicologia fenomenológica*; e b) um estudo de caráter exploratório, que teve como instrumento de pesquisa um questionário desenvolvido pelos pesquisadores com o objetivo de verificar a compreensão dos psicólogos acerca da psicologia fenomenológica. Foram levantadas questões abertas sobre a compreensão do referido tema, a apropriação dos conceitos na prática profissional e a possibilidade (ou não) de desenvolver uma psicoterapia fenomenológica.

Palavras-Chave: Fenomenologia; Husserl; psicologia fenomenológica.

Abstract: The present work presents results obtained in the master 's research entitled *What the psychologist understands by Phenomenological Psychology* - psychology this elaborated and developed by Edmund Husserl. Two studies were carried out: a) a search in SciELO, with the search engine *phenomenological psychology*; And b) an exploratory study, which had as a research tool a questionnaire developed by the researchers with the objective of verifying the psychologists' understanding of phenomenological psychology. Open questions were raised about the understanding of this theme, the appropriation of concepts in professional practice and the possibility (or not) of developing a phenomenological psychotherapy.

Keywords: Phenomenology; Husserl; Phenomenological psychology.

3.1 INTRODUÇÃO

Muitas são as dificuldades quando se trata de circunscrever e definir a “psicologia fenomenológica” na Psicologia. E, conseqüentemente, maiores, ainda quando se pensa sobre a viabilidade de uma psicoterapia fenomenológica. O ponto é que “psicologia fenomenológica” é a expressão cunhada por Edmund Husserl (1990) para o estudo da consciência psíquica na relação com a consciência transcendental, no intuito de ser uma ciência fundamental para a psicologia científica, a partir do método que abrange a fenomenologia filosófica.

Ainda, com a apropriação dos pressupostos metodológicos da fenomenologia acerca do estudo da consciência (empírica e transcendental), alguns seguidores do filósofo – tais como Max Scheler, Edith Stein, Dietrich Von Hildebrand, Alexandre Pfänder, Moritz Geiger, Maurice Merleau Ponty, Jean-Paul Sartre, entre outros –

desenvolveram pesquisas em relação às vivências psíquicas, proporcionando alicerces que ancoraram definitivamente uma psicologia fenomenológica (Goto, 2008).

No entanto, essa concepção originária de “psicologia fenomenológica” foi sendo esquecida ou mesmo deixando de ser tematizada pelos atuais psicólogos, principalmente com a *recepção e circulação* da fenomenologia nos EUA durante as guerras mundiais (Branco, 2015). A fenomenologia foi recebida nos EUA pelos psicólogos, inclusive os psicólogos clínicos da época, que, ao se apropriarem de tais fundamentos, buscando fontes diversas disponíveis, foram elaborando entendimentos e aplicações que se distinguiram do modo de pensamento original dos fenomenólogos. Esses entendimentos e aplicações constituíram-se assim, na psicologia clínica, em algumas das ditas “abordagens humanistas/existenciais fenomenológicas”, enquanto na pesquisa psicológica empírica surgiu a chamada “pesquisa qualitativa fenomenológica” ligada ao grupo de psicólogos associados à *Duquesne University*, (Branco, 2014; DeCastro & Gomes, 2011; Andrade & Holanda, 2010), mas que segundo o argumento proposto aqui, seguiram rumos discordantes dos da própria psicologia fenomenológica exposta por Husserl (Reis, Holanda, & Goto, 2016; Feijóo & Goto, 2016; Goto, 2008). Esta concepção de pesquisa da *Duquesne University* foi considerada por Carl Rogers como sendo importante para a psicologia humanista, e, posteriormente, o método foi aperfeiçoado e difundido por Amedeo Giorgi e colegas (Gomes, 1997). Giorgi e Souza (2010) descrevem em quatro passos o que seria uma pesquisa fenomenológica. No Brasil, Gomes (1997) apresenta a possibilidade de uma pesquisa fenomenológica em três passos; e Amatuzzi (2009), em sete. Isto para citar alguns.

O presente artigo, longe de querer deslindar tais questões, procura recuperar o diálogo entre a psicologia fenomenológica e as diversas formas de psicologia, no sentido de enriquecê-lo e ampliá-lo. Para tanto, busca contemplar: a) um breve relato histórico, metodológico e conceitual da relação da psicologia com a fenomenologia; b) um levantamento das publicações brasileiras com a expressão “psicologia fenomenológica” na Scientific Eletronic Library on Line (SciELO); e c) os resultados de um estudo empírico realizado pelos autores deste texto e intitulado *O que o Psicólogo compreende por psicologia fenomenológica*.

A psicologia fenomenológica foi desenvolvida por Husserl ao longo de sua obra, integrada no âmbito da fenomenologia filosófica, com a intenção de estudar

mais profunda e rigorosamente subjetividade. Buscando compreender a possibilidade do conhecimento, Husserl inicia a problematização da psicologia com a fenomenologia no prefácio das *Investigações Lógicas* (1900/2014); nesse texto, ele afirma que iniciara da convicção de que a lógica das ciências dedutivas deveria partir da psicologia, porém da forma como esta estava constituída, não o satisfazia (Husserl, 1900/2014). Na mesma obra, Husserl então caracterizou a fenomenologia como uma “psicologia descritiva”, por não poder excluir, na caracterização do conhecimento, as vivências psíquicas (Goto, 2008). No entanto, na segunda edição das *Investigações*, Husserl toma outro posicionamento, diferenciando a fenomenologia da psicologia, porém sem afastá-las totalmente, por considerar os fenômenos psíquicos como fenômenos importantes na produção do conhecimento (Husserl, 1990/2014; Goto, 2008). Porta (2013) acrescenta que, para Husserl, a fenomenologia compartilha com a psicologia o princípio de imanência, ainda que reformulado através da redução. E que, somente através da psicologia explicita-se aquilo que, afinal, é o realmente essencial, o ponto de maior dificuldade, e este é a subjetividade mesma.

Já em Göttingen, Husserl publica *A ideia da fenomenologia: cinco lições* (1907/1986), texto em que postula a concepção de *epoché* (ἐποχή) e de redução fenomenológica. Ele as apresenta como método para diferenciarmos o *fenômeno puro*, objeto da fenomenologia, do *fenômeno psicológico*, objeto da psicologia. A *epoché* é o fundamento metodológico basal da fenomenologia, uma atitude de colocar em questão tudo o que me é previamente dado como existente, para chegar, por meio da redução fenomenológica ao que é apodítico do fenômeno visado.

Se ponho em questão o eu e o mundo e a vivência do eu como tal, então a reflexão simplesmente intuitiva virada para o dado na apercepção da vivência considerada, para o meu eu, revela o fenômeno desta apercepção; por exemplo, o fenômeno “percepção apreendida como minha percepção”. (Husserl, 1907/1986, pp. 70-71, aspas no original)

Desta forma, ela mesma (minha percepção) se torna, pela redução fenomenológica, um fenômeno puro (percepção vivida). Assim, “a toda vivência psíquica corresponde, por via da redução fenomenológica, um fenômeno puro, que

exibe sua essência imanente (singularmente tomada)⁶ como dado absoluto” (Husserl, 1907/1986, p. 71). No texto *Ideias para uma fenomenologia pura e uma filosofia fenomenológica*⁷ o filósofo trata da busca dos fundamentos da subjetividade a partir da fenomenologia já constituída. Recupera e amplia a concepção de consciência intencional de Brentano até a sua nova elaboração: “tudo o que chamamos de *objeto*, (...), que temos ante os olhos como efetividade, que consideramos possível ou verossímil, (...), é já por isso mesmo, objeto da consciência” (Husserl, 1913/2006, p. 298, grifo original), ou seja, toda consciência é ato dirigido a um objeto que se mostra a esta consciência. Cada objeto tem em si características eidéticas, essenciais, determinadas e apreensíveis, apesar da infinidade de modos de apreensões possíveis. Ao mesmo tempo, apresenta uma pluralidade eideticamente possível, ou seja, um conjunto de camadas do “eu” e de “consciências” que tornam possível a identificação intersubjetiva deste algo como sendo um mesmo objeto (Husserl, 1913/2006). Ainda, na mesma obra, Husserl retoma os conceitos gregos de *noese* (νοησις) e *noema* (νοημα), caracterizando-os como os dois polos das vivências intencionais. O polo noético caracteriza-se pelas múltiplas intencionalidades dirigidas a um objeto, seja ele real, imaginativo, perceptivo, etc. O polo noemático, corresponde ao seu correlato intencional, ou seja, o objeto intencionado. Nas palavras do filósofo:

Aos múltiplos dados do conteúdo real, noético, corresponde uma multiplicidade de dados, mostráveis em intuição pura efetiva, num *conteúdo noemático* correlativo, ou resumidamente, no *noema* (...) a percepção (...) tem o seu noema (...) o seu sentido perceptivo, isto é, o *percebido como tal*. (Husserl, 1913/2006, pp. 203-204, grifos originais)

Esses são alguns postulados alcançados por Husserl e que foram favorecendo a ideia de uma psicologia fenomenológica. Com isso, como sintetiza Goto (2017), pode-se dizer que Husserl, a partir das análises fenomenológicas da consciência intencional, chegou a uma concepção de uma psicologia fenomenológica, ou seja, a uma via fenomenológico-psicológica, frente à necessidade esclarecer a vida psíquica, suas estruturas vividas concretamente e os modos de consciência empírico-psíquica (Husserl, 1917/1987; 1925-1928/2001;

⁶ Parênteses no original

⁷ Doravante denominado apenas *Ideias*.

1936/2002). A psicologia fenomenológica não é uma psicologia empírica na relação com o físico, tal como a psicologia científica e outras formas de psicologia investigativa contemporânea, mas sim, constitui-se como uma psicologia pura, quer seja uma psicologia que investiga as vivências psíquicas e que ultrapassa qualquer a relação psicofísica (Goto, 2017). Confirma Husserl que: “A pura psicologia não conhece justamente senão o subjetivo, e admitir aí como existente algo de objetivo é já dela ter aberto mão” (Husserl, 1954/2012, p.209).

Em nossos dias, Goto (2008) relata que a ideia de uma psicologia fenomenológica tem crescido no meio acadêmico brasileiro. Porém, esse interesse vem também cercado de entendimentos particulares e, conseqüente, confusões conceituais. O fato é que seu início em solo brasileiro foi constituído por meio de fontes diversas, principalmente das oriundas das ditas psicologias fenomenológicas (humanistas e existenciais) dos EUA, acarretando um desenvolvimento de uma orientação assistemática, pouco fundamentada nos pressupostos da fenomenologia de Husserl. Goto (2008) continua declarando que o objetivo original do filósofo era formular uma psicologia pura, racional e não experimental para o estudo da subjetividade psíquica e sua relação com a vida transcendental.

A história conta que, no Brasil, a fenomenologia desembarcou na década de 30 do século passado, inaugurando a fenomenologia como possibilidade metodológica para a Psicologia (Goto, 2008; Holanda, 2016). No entanto, foi nas décadas de 60 e 70 que a relação entre fenomenologia e psicologia teve um desenvolvimento mais expressivo, uma vez que a fenomenologia começou a ser vinculada à psicologia clínica, ligada às abordagens humanistas e existenciais também recém-chegadas no Brasil. Vários autores apontam que o desenvolvimento da psicologia fenomenológica em nosso país está relacionado aos psicólogos humanistas, vinculados à Abordagem Centrada na Pessoa, de Carl Rogers (Guimarães, 2000; Gomes, Holanda & Gauer, 2004; Paim, 2010; Gomes & Castro, 2010; Castro & Gomes, 2011; Holanda, 2014, 2016; Branco, 2016). Por outro lado, Gomes e Cols. (2004) indicam, por exemplo, que a orientação psicoterápica seguida pelos profissionais identificados com a fenomenologia é baseada no existencialismo de autores como Heidegger, Binswanger, Medard Boss, Minkowski e mesmo Sartre. Os mesmos autores seguem apontando que os profissionais mais diretamente envolvidos com pesquisa empírica seguem, também, Merleau-Ponty.

Gomes e Castro (2010) corroboram com o exposto, e acrescentam que a associação entre a fenomenologia e a filosofia existencial ocorreu devido a uma identificação de uma continuidade de reflexão do estudo dos invariantes intencionais de Husserl para o das estruturas existenciais em Heidegger ou da corporeidade em Merleau-Ponty. Essas diferenças, para os autores, representam uma modificação da lógica ontológica na concepção de natureza humana. Ainda para estes autores, no Brasil, três pesquisadores se destacam com relação à fenomenologia existencial: Daniela Schneider, Yolanda Forghieri e Mauro AmatuZZi, respectivamente, da Universidade Federal de Santa Catarina, da Universidade de São Paulo e da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Schneider, segundo os autores, realizou uma análise do pensamento sartreano em direção à clínica psicológica; Forghieri descreveu, a partir da vivência do terapeuta e cliente, o processo terapêutico; e AmatuZZi, levanta a questão da fala no processo terapêutico (Gomes & Castro, 2010).

Dentre estes, Schneider (2006) afirma que uma psicoterapia existencial realiza uma “radiografia psicológica do sujeito”, mostrando as raízes de seus problemas psicológicos, “definidas a partir do resgate de seu projeto de ser” (p.109) e coloca o *ser* da pessoa em suas próprias mãos. Forghieri, na mesma direção, declara que

A abordagem fenomenológica do ser humano na Psicologia procura investigar a vivência imediata do ser humano conforme é captada por ele próprio [...], pretende chegar à investigação da personalidade de acordo com a percepção que a pessoa tem de seu existir no mundo. (Forghieri, 1997, p. 92)

AmatuZZi (2009) destaca que Husserl esclareceu o caminho fenomenológico para o pensamento humano: atos de consciência, alcance do conhecimento, como o mundo se apresenta. Ao mesmo tempo, este autor mantém-se ligado ainda a Carl Rogers, apresentando, como mostra Branco (2016), uma nova compreensão da psicologia de Rogers com base nos aportes da Fenomenologia.

No entanto, também pode-se citar Holanda (2014) que apresenta o projeto de uma “psicologia fenomenológica” como uma “abordagem” cujos alicerces se encontram na valorização da subjetividade consciente, nas inter-relações, nas manifestações humanas abarcando toda a complexidade do fenômeno humano. Propõe-se, em síntese, a ver a realidade humana da forma mais complexa e ampla possível.

Afirma Krüger (2014) que Goto é um autor que tem destacado os elementos essenciais da psicologia fenomenológica de Husserl. Segundo a proposta de Goto (2008) é preciso retomar a conceituação originária de Husserl na qual a psicologia fenomenológica tem a intenção de ser uma “nova psicologia” cujo objetivo é investigar e esclarecer os principais conceitos usados na psicologia (consciência, percepção, afetividade, imaginação, fantasia, cognição, etc.) a partir do método fenomenológico (redução psicológico-eidético), ou seja, a partir da própria identidade e constituição dos referidos processos psicológicos, não se confundindo de maneira alguma com uma nova abordagem da psicologia atual.

Destarte, o estudo aqui apresentado, procura avistar o cenário atual do entendimento do psicólogo brasileiro com relação à psicologia fenomenológica e suas interpretações, e entre estas, a viabilidade de uma psicoterapia fenomenológica. Longe de querer abranger a totalidade do quadro visto que é um estudo preliminar.

3.2 MÉTODO

Para o desenvolvimento do estudo, além da conceituação apresentada, foram realizados dois estudos. Em primeiro lugar foi feito, a título de estudo bibliográfico, busca avançada no SciELO, sem recorte temporal, com o intuito de traçar minimamente um panorama das publicações em língua portuguesa sobre o tema “psicologia fenomenológica”. As buscas envolveram três etapas, todas com o filtro *idioma português*. Quais sejam: a) buscador *psicologia fenomenológica* (sem aspas) em todos os índices; b) buscador “*psicologia fenomenológica*” (com aspas) em todos os índices; e c) buscador “*psicologia fenomenológica*” (com aspas) no índice *keyword*. O resultado desta busca foi analisado descritivamente, simplesmente com o caráter exploratório. A busca no SciELO justifica-se por ser um indexador que busca em 1.249 *journals*, tendo acesso a mais de 500 mil artigos (<http://www.scielo.org/php/index.php?lang=en>).

O segundo estudo foi uma pesquisa, também de caráter exploratório – aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Setor da Saúde (sob nº 1818086) da universidade de origem –, tendo como participantes psicólogos (professores e profissionais da Psicologia), realizada no período de 11 a 30 de novembro de 2016, com o objetivo de estudar a compreensão que os mesmos possuem sobre

Fenomenologia e Psicologia Fenomenológica. Sobre a pesquisa pode-se dizer que os participantes responderam a um questionário aplicado *online* e que o contato-convite aos participantes da pesquisa foi realizado por meio eletrônico (email e redes sociais). Ainda, para participar, o colaborador deveria ser psicólogo(a) e concordar com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Como resultado dessa pesquisa exploratória, foi desenvolvido e já submetido para publicação o artigo intitulado *Fenomenologia e Psicologia – a (in)compreensão de psicólogos brasileiros: um estudo empírico* (no prelo) que descreve resultados parciais cuja síntese segue: Responderam ao questionário 100 participantes, porém 02 declararam data de graduação posterior à coleta de dados e foram excluídos, desta forma, a pesquisa contou com 98 participantes, todos autodeclarados psicólogos. Obteve-se que 81,7% dos 98 participantes tiveram contato com a fenomenologia através de disciplinas – específicas ou não – durante o curso de graduação. Os participantes referiram variados nomes às disciplinas consideradas específicas de “fenomenologia”, entre eles alguns diversos da própria Fenomenologia ou de abordagens psicológicas que seguem essa tradição. Também, como esperado, foram relatados nomes relacionando o existencialismo e o humanismo com a Fenomenologia, por exemplo, Psicologia Fenomenológico-Existencial e Psicologia Humanista-Existencial-Fenomenológica. Acredita-se que isso ocorra devido à Fenomenologia filosófica ter desembarcado no Brasil com textos de Martin Heidegger e Jean-Paul Sartre; e, na Psicologia, tenha sido trazida por autores ligados ao Humanismo, como Yolanda Forghieri (Holanda, 2016), por exemplo. No mesmo estudo, 79 psicólogos se declararam “fenomenólogos”, e, em resposta às questões relacionadas aos pressupostos basais da Fenomenologia, observou-se a falta de compreensão dos mesmos quanto a esses saberes. Quais sejam: apenas 27,5% deles concordam que a fenomenologia tem a pretensão de ser a base para todas as ciências; da mesma forma, pouco menos da metade dos mesmos psicólogos acha que somente a fenomenologia pode converter as ciências em ciências genuínas. Já quando se refere à superação dos radicalismos (subjetivismo-objetivismo, racionalismo-empirismo, etc.), 81% dos psicólogos “fenomenólogos” diz que a fenomenologia é capaz de realizar; assim também, 68,3% destes psicólogos concordam que a fenomenologia é a ciência da intersubjetividade transcendental.

No atual artigo, então, serão apresentados os resultados da terceira parte do referido questionário, que foi composta de quatro questões abertas e uma fechada (sim/não), todas de resposta facultativa, com o objetivo de averiguar o que os psicólogos compreendem por psicologia fenomenológica. Tais questões foram as seguintes: Questão 22: O que é / do que se trata psicologia fenomenológica? (questão aberta); Questão 23: Quais são os fazeres de sua prática profissional fundamentados na fenomenologia? (questão aberta); Questão 24: É possível desenvolver uma PSICOTERAPIA⁸ fenomenológica? (questão fechada, com opção de resposta “sim” ou “não” – com a resposta “sim”, o participante foi direcionado para a questão 25 e com a resposta “não”, o participante foi direcionado para a questão 26); Questão 25: Em que consistiria uma PSICOTERAPIA⁹ fenomenológica? (questão aberta); e Questão 26: Justifique tal impossibilidade. As questões desta parte foram desenvolvidas pelos pesquisadores, com perguntas amplas, de modo a acolher as respostas da forma mais autêntica possível.

As respostas desta parte foram analisadas utilizando o método empírico-fenomenológico de Amedeo Giorgi, mesmo assumindo aqui as críticas de Feijóo & Goto (2016) e Branco (2014) em relação à legitimidade desse método se constituir autenticamente como uma “psicologia fenomenológica” tal como preconizada por Husserl. Contudo, será assumido o método por possibilitar a análise do sentido ou significado, a partir de quatro passos: 1º: Leitura de toda a descrição com a finalidade de alcançar o sentido do todo; 2º: discriminação das unidades de sentido; 3º: transformação da linguagem do participante em linguagem psicológica; e 4º: Síntese das unidades de sentido (Giorgi & Souza, 2010).

3.3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na pesquisa no SciELO, foram encontrados 100 artigos dos anos 1997 a 2017 com o buscador *psicologia fenomenológica* (sem aspas) em todos os índices. Destes, três eram repetidos, perfazendo um total de 97 publicações. A Figura 1 mostra o número de artigos encontrados por ano. O ano em que se tiveram mais publicações, com nove no total, foi o ano de 2008. Os anos de 2001 e 2005 contaram apenas uma publicação cada; além de 2017, que até o momento da

⁸ Ênfase original no questionário

⁹ Ênfase original no questionário

busca, também teve uma publicação. As revistas que mais publicaram com esse indexador foram *Estudos em Psicologia (Campinas)* e *Psicologia em Estudo (Maringá/PR)*, com 19 e 14 publicações, respectivamente. E, os autores que mais publicaram foram Virgínia Moreira e William B. Gomes, com 13 e 12 publicações.

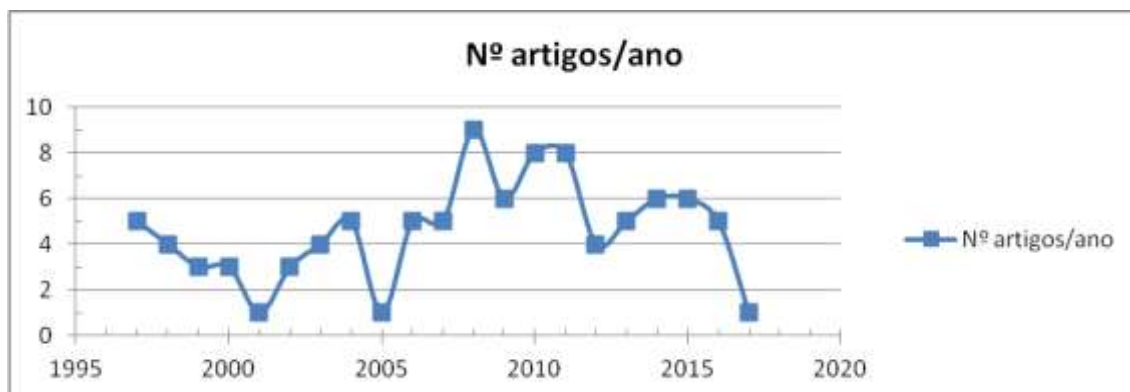


Figura 1 – Psicologia Fenomenológica (sem aspas) – em português

No entanto, quando se atribuiu o buscador “*psicologia fenomenológica*” (com aspas), em todos os índices, foram encontrados apenas 12 artigos. A Figura 2 mostra o número destas publicações por ano. Cinco desses artigos foram publicados pela revista *Estudos em Psicologia (Campinas)*. Destes 12 artigos, 03 são de autoria de Mauro AmatuZZi e 02 de William Gomes. O aspecto que mais chama a atenção é referente aos anos de publicação, pois entre os anos 2000 e 2009 não apareceram artigos com esse buscador.

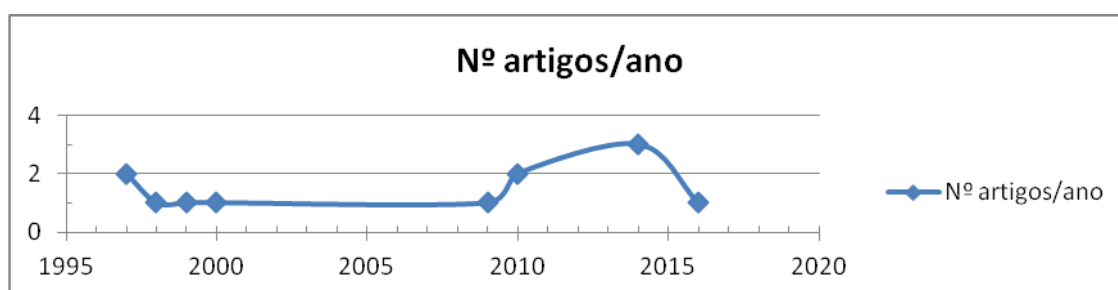


Figura 2 – “Psicologia fenomenológica” (com aspas) – em português

Por fim, restringindo a busca, com o buscador “*psicologia fenomenológica*” (com aspas) ao indexador *keyword*, foram encontrados apenas 08 artigos nas duas últimas décadas. As revistas que os publicaram foram (em ordem de quantidade): *Estudos de Psicologia (Campinas)*, com 03 artigos; *Psicologia USP*, com 02 artigos; *Psicologia em Estudo*, *Psico-USF* e *Avances en Psicología Latinoamericana*, estas

três com apenas uma publicação cada. Entre estes artigos, 04 são relatos de pesquisa, e 04 estudos teóricos. Nota-se que a metade dessas publicações aconteceu nos quatro últimos anos. Sobre os estudos teóricos, no mais antigo, William Gomes (1997) propõe uma aplicação dos fundamentos da fenomenologia husserliana na psicologia (científica), apresentando uma possibilidade de entrevista fenomenológica. Já, Cinthia Dutra (2000) objetiva estabelecer uma comparação entre o conceito de inconsciente, de Freud e o de consciência, de Husserl e a relevância de tal questão para a psicologia clínica. Por sua vez, Marcelo Rohe e Elza Dutra (2014) trazem o *Dasein* de Heidegger como fundante da psicologia “fenomenológico-existencial”. E, o mais recente, Maria Lucia Melo (2016), discute as contribuições do método fenomenológico-hermenêutico de Paul Ricoeur à pesquisa fenomenológica em psicologia. A Tabela 7 traz a totalidade de artigos encontrados nesta busca, apresentando o ano de publicação, a Revista em que foi publicado, os nomes dos autores e os títulos dos artigos. Constata-se, da mesma forma que com o buscador anterior, uma lacuna de publicações, neste caso, uma lacuna de mais de uma década.

Tabela 7 – “*Psicologia fenomenológica*” (com aspas) – índice *keyword* – em português

Ano	Revista	Autores	Título
1997	Psicologia USP	Gomes, William B.	A entrevista fenomenológica e o estudo da experiência consciente
1997	Estudos de Psicologia (Campinas)	Epiphany, Erika Höfling; AmatuZZi, Mauro Martins	A opção pelo triatlo como uma prioridade de vida: um estudo fenomenológico
1998	Estudos de Psicologia (Campinas)	AmatuZZi, Mauro Martins	A experiência religiosa: estudando depoimentos
2000	Estudos de Psicologia (Campinas)	Dutra, Cinthia Cardoso	Fenomenologia e (in)consciência: Husserl, Freud e psicoterapia
2014	Avances en Psicología Latinoamericana	Roehe, Marcelo Vial; Dutra, Elza.	Dasein, o entendimento de Heidegger sobre o modo de ser humano
2014	Psicologia em Estudo	Freitas, Joanneliese Lucas de; Michel, Luís Henrique Fuck Salomão, Rodrigo Lourenço; Ottoni, Giovanna Pereira; Barreira, Cristiano Roque Antunes.	A maior dor do mundo: o luto materno em uma perspectiva fenomenológica
2014	Psico-USF	Salomão, Rodrigo Lourenço; Ottoni, Giovanna Pereira; Barreira, Cristiano Roque Antunes.	Atletas de base de futebol: a experiência de viver em alojamento
2016	Psicologia USP	Melo, Maria Lúcia de Almeida.	Contribuições da hermenêutica de Paul Ricoeur à pesquisa fenomenológica em psicologia

Retomando a pesquisa empírica em questão, pode-se dizer que a terceira parte do questionário, foco desse artigo, contou com um número de respostas variado dependendo da questão, uma vez que não era de resposta obrigatória.

A questão de número 22, “O que é / do que se trata psicologia fenomenológica?” obteve então 81 respostas, sendo 68 declarados “psicólogos fenomenólogos” e 13 declarados “psicólogos não fenomenólogos”.

A Tabela 8 apresenta as unidades de sentido identificadas para esta questão e o número de participantes (N) “psicólogos fenomenólogos” e “psicólogos não fenomenólogos” que as empregaram. Nota-se que algumas respostas tiveram mais de uma unidade de sentido. Os dados obtidos sugerem que, para o psicólogo (“fenomenólogo” ou não), a psicologia fenomenológica trata do estudo ou descrição dos fenômenos, com a preocupação com sua essência. Aparece nas respostas um cuidado em utilizar os termos da fenomenologia: “fenômeno”, “essência” “suspensão de *a priori*”, porém, não fica claro o que o psicólogo compreende por estes termos, nem como tais conceitos seriam apropriados nos seus fazeres profissionais. Em se tratando da psicologia, acredita-se que o *fenômeno* aqui referido, por exemplo, seja o *fenômeno psicológico*, que, da mesma forma, demandaria uma definição. Igualmente está claro, para o psicólogo, que uma psicologia fenomenológica pede uma suspensão de julgamentos (método fenomenológico) e [de conceitos] *a priori*¹⁰, também preconiza o respeito à subjetividade e singularidade de seu cliente. Fica difícil estabelecer, pelas respostas dadas a essa questão, se o participante da pesquisa aqui descrita, entende a psicologia fenomenológica como uma possibilidade de investigação do fenômeno psicológico, no sentido de uma ciência psicológica, ou como uma abordagem psicoterapêutica, porque em várias respostas que aparecem a unidade de sentido “estudo dos fenômenos”, vem acompanhado da palavra *cliente*.

¹⁰ Em Ideias I, Husserl distingue dois conceitos de *a priori*: a) conhecimento de essências e b) conhecimento dos conceitos que, “como categoria”, têm significação de “psincípios”, e das leis essenciais fundadas em tais conceitos [Quijano, A. Z. (1990). *Breve diccionario analítico de conceptos husserlianos*. Mexico: Universidad Nacional Autónoma de Mexico – tradução livre].

Tabela 8 - O que é / do que se trata psicologia fenomenológica?

Unidade de sentido	“Fenomenólogos”		“Não fenomenólogos”	
	N	Exemplos	N	Exemplos
Descrição/observação/estudo dos fenômenos ou fundamentado na fenomenologia	34	Ela cuida do fenômeno como ele aparece. Preocupa-se com a essência do fenômeno . [P75]	6	Uma forma de compreensão dos fenômenos, da subjetividade. [P65]
Suspensão de a priori	11	Aquela em que o psicólogo se dispõe a observar o fenômeno sem pré-conceitos . [P96]	1	Supressão de conceitos para estudo dos fenômenos. [P34]
Respeito à singularidade / subjetividade/ individualidade	9	Trata-se de compreender o sujeito da forma como se apresenta e se percebe no momento presente. [P51]		
Forma de psicoterapia/ intervenção	7	Basear sua intervenção como facilitador no processos da psique baseando eticamente nos fenômenos desse processo. [P62]	1	Tratamento e cura. [P37]
Abordagem da Psicologia	4	É uma abordagem psicológica . [P25]	2	Linha teórica, forma de entendimento do mundo. [P41]
Outros	1	Articulação da Psicologia entre o conjunto de vivências de um sujeito, sua Psique, seus fenômenos sociais, seus fenômenos familiares, éticos e subjetivos. Assim, atravessa um processo complexo e de intenso trabalho de elaboração, e elucubração onde esse mesmo sujeito se faz capaz de encarar de uma melhor forma as questões que lhe apequenam a potência de agir diante a vida. [P78]	3	Da vivência/experiência / dos seus próprios factos vivenciados. [P98]

É notório destacar a resposta do participante P54, que sintetiza o entendimento dos “psicólogos fenomenólogos” sobre o que seria a “psicologia fenomenológica”:

A fenomenologia significa **estudo dos fenômenos**, isto é, estuda tudo aquilo que se mostra a consciência de alguém. Deste modo, a psicologia fenomenológica **se embasa no método fenomenológico** desenvolvido por Husserl, que **trata do cliente sem tentar encaixá-lo em teorias**, como fazem algumas abordagens, também **é livre de técnicas** para conhecer o fenômeno tal qual ele se apresenta. Também se **utiliza-se da redução fenomenológica**, ou seja, o **terapeuta** deve deixar de lado todos os pré-conceitos, crenças, ideologias e etc., para ir de encontro com o cliente. [P54]

Percebe-se que é uma resposta bastante formalista, que traz elementos da fenomenologia filosófica, como “estudo dos fenômenos [...] que se mostra à consciência”, também, “conhecer o fenômeno tal qual ele se apresenta”, ainda, “utiliza-se da redução fenomenológica”. Permanece a dúvida sobre o entendimento do participante sobre esses conceitos, uma vez, que, logo em seguida, utiliza o termo “terapeuta”, uma vez que o método fenomenológico não pressupõe uma terapia. Outra questão a ser pensada pode ser o entendimento dos psicólogos sobre a psicologia ser vista como terapia, necessariamente.

Em contrapartida, alguns dos participantes responderam de forma diversa do restante do grupo, por exemplo: o participante P82 respondeu que se trata “do campo energético de cada um”; e, para o participante P33, “trata-se de investigar o fenômeno tal qual ele se mostra, desvelando os sentidos que se mostram no horizonte histórico sedimentado”. Além destes, dois outros participantes (P81 e P99) definiram a fenomenologia filosófica e não a psicologia fenomenológica, tal como foi solicitado.

A questão 23, “Quais são os fazeres de sua prática profissional fundamentados na fenomenologia?” foi respondida por 73 participantes “psicólogos fenomenólogos” e 13 “psicólogos não fenomenólogos”, num total de 80 respostas.

Da mesma forma que na questão anterior, tiveram algumas respostas bastante diversas do restante do escopo, tal como, por exemplo, a do participante P82, que declarou como seu fazer fundamentado na fenomenologia a “limpeza de aura”. A Tabela 9 apresenta as unidades de sentido identificadas para esta questão, o número de participantes que as utilizam e um exemplo de como ela aparece nas respostas. Igualmente à questão anterior, algumas respostas apresentam mais de uma unidade de sentido.

Pode-se afirmar que as respostas a essa questão mostram claramente que os pesquisadores falharam ao defini-la, pois a intenção era que descrevessem fazeres concretos de sua prática e que demonstrassem a maneira como os fundamentos da fenomenologia chegam ao fazer profissional do psicólogo. Um número expressivo dos participantes respondeu a essa questão com seu campo de atuação, como *escolar*, *clínica*, e muitos outros.

Os participantes que responderam à questão como esperado pelos pesquisadores, descreveram uma atuação pautada na empatia, escuta sem preconceitos, valorização da vivência do cliente, ou seja, elementos que, em

verdade, devem se constituir como objeto da investigação fenomenológica foi entendido como atitude profissional. Percebe-se, aqui, também, certo formalismo nas respostas, uma atenção em utilizar os termos da fenomenologia. Porém, aqui se observa mais fortemente a influência da psicologia dita “humanista”. A resposta do participante P67 é bastante representativa das respostas à questão:

Acredito que principalmente o estar **com o outro de maneira aberta, colocando entre parênteses conhecimentos prévios**, valores e julgamentos para que eu **tenha acesso aos significados de sua experiência**; não olhá-lo com lentes diagnósticas. Busco me abster de tais conhecimentos para compreender o mundo do outro, que é diferente do meu. **Também trabalho apenas com o que o cliente aborda**, não resgatando assuntos trabalhados em sessões anteriores ou investigando seu passado, pois o que ele me traz é o que está presente em seu campo fenomenológico. [P67]

A questão é que Husserl (1913/2006) definiu a fenomenologia como “ciência de essências”, “ciência eidética”; quer seja “como uma ciência que pretende estabelecer exclusivamente ‘conhecimento de essências’ e de modo algum ‘fatos’” (p.28). Ainda, Husserl (1927/1990) diz que existe um campo específico da fenomenologia, quer seja, a “psicologia fenomenológica”, disciplina que resulta da análise do caráter fundamental da consciência, ou seja, da intencionalidade. Bem diferente da concepção de Husserl, encontrou-se na maioria das respostas, referência à atuação em campo clínico (entendido aqui como a clínica de psicoterapia em consultório). É também interessante destacar as quatro respostas que se referem especificamente à Gestalt-terapia como sinônimo de psicologia fenomenológica. Faz-se necessário explicar que foram respostas espontâneas à questão aqui apresentada, não havia no questionário nenhuma questão específica a uma ou outra “abordagem”.

Tabela 9 - “Quais são os fazeres de sua prática profissional fundamentados na fenomenologia?”

Unidade de sentido	“Fenomenólogos”		“Não fenomenólogos”	
	N	Exemplo	N	Exemplo
Empatia/ compreensão/ Escuta livre de preconceitos/ Suspensão de juízos	16	Busco promover um espaço de escuta livre, pautado em empatia e aceitação incondicional , para que o sujeito ressignifique sua história e realize escolhas autênticas. [P7]	3	Compreender a pessoa através da sua singular percepção de si, do mundo e dos outros. [P65]

Unidade de sentido	“Fenomenólogos”		“Não fenomenólogos”	
	N	Exemplo	N	Exemplo
Gestalt-terapia	4	Utilizo as bases da fenomenologia por que minha abordagem é gestalt . [P31]		
Outros fazeres “fenomenológicos”	18	Serve como base sendo flexível na hora da condução do processo terapêutico no que diz respeito a facilitar a tomada de consciência do individuo para alcançar o objetivo processo terapêutico melhor qualidade de vida. [P62]	1	Acredito que minha prática no CREAS tenha fundamentação na fenomenologia mas não saberia indicar. [P61]
Campo/atividade	33	Atendimento psicoterápico. [P25]		
Outros	2	Prestar atenção nas sensações e percepções dos pacientes a cada momento da sessão. [P24]	9	Ver os “fenômenos” [P94]

Na questão 24: “É possível desenvolver uma PSICOTERAPIA fenomenológica?”, obteve-se 95 participantes, sendo 76 “psicólogos fenomenólogos” e 19 “psicólogos não fenomenólogos”. A Tabela 10 apresenta o quadro de respostas por grupo. Nota-se que 72 (95%) dos 76 psicólogos “fenomenólogos” entendem ser possível estabelecer uma psicoterapia fenomenológica. A proporção também é maior entre os “não fenomenólogos”, sendo 17 (89%) em um universo de 19. Com isso, pode-se dizer que o psicólogo brasileiro tanto o “fenomenólogo” quanto o “não fenomenólogo” acha perfeitamente possível desenvolver uma psicoterapia fenomenológica.

Tabela 10 - “É possível desenvolver uma PSICOTERAPIA fenomenológica?”

Sim/Não	“Fenomenólogos”	“Não fenomenólogos”	N Total
	N	N	
Sim	72	17	89
Não	4	2	6
	76	19	95

A questão 25: “Em que consistiria uma PSICOTERAPIA fenomenológica?” foi respondida por 60 “psicólogos fenomenólogos” e 11 “psicólogos não fenomenólogos” perfazendo um total de 71 participantes respondentes. Duas das respostas foram bastante complexas, com várias unidades de sentido, mesmo assim foram consideradas, pelas suas totalidades, juntamente com outras quatro, como,

por exemplo, possuir certas dúvidas quanto à possibilidade de desenvolver uma psicoterapia fenomenológica. A seguir cita-se uma delas:

Penso que a rigor podemos elaborar uma fenomenologia da psicoterapia, mas uma psicoterapia fenomenológica é algo complicado, pois a fenomenologia é filosófica e não propriamente terapêutica. No entanto existem diversas abordagens que se fundamentam de alguma forma nas reflexões fenomenológicas e acabam carregando o título de psicoterapias fenomenológicas, ou fenomenológico-existenciais, ou existenciais (e note bem, o existencialismo filosófico depende bastante do método fenomenológico), ou até mesmo humanistas-fenomenológicas. Mas de forma geral eu diria que os pressupostos de uma “psicoterapia fenomenológica” seriam um retorno à experiência mesma, sem distorcer teoricamente aquilo que é experienciado; outro pressuposto seria a relevância do sentido e do significado que são desvelados na situação terapêutica; a “psicoterapia fenomenológica” prescinde também da atitude natural e “pensa” através da atitude fenomenológica e isso leva, penso eu, à fuga de um modelo ideal de homem, ou seja, a “psicoterapia fenomenológica” é aberta às possibilidades existenciais; finalmente creio que um pressuposto é que temos experiências que se estruturam universalmente, porém o conteúdo é particular. Como objetivos poderíamos levantar o desvelamento de sentidos e significados existenciais e a abertura para maior liberdade por parte do paciente (cliente). [P26]

Para o psicólogo brasileiro, uma psicoterapia fenomenológica consistiria em um método compreensivo, com foco no aqui-agora e com uma postura antijudicativa. As respostas sugerem que há entre os psicólogos mais uma apropriação dos conceitos e reflexões fenomenológicas – ou seja, sua visão de mundo e de ser humano – que propriamente uma psicoterapia fundada *a partir* de uma “ciência psicológica fenomenológica”. É importante destacar, também, que dois participantes responderam à questão com a identificação com uma abordagem analítico-existencial, como se a *Daseinsanalyse* fosse sinônimo de psicoterapia fenomenológica. Interessante notar que nesta questão, os participantes que anteriormente (questão 23) haviam feito referência direta à Gestalt-terapia, responderam sem a identificação direta com a abordagem. A Tabela 11 mostra as

unidades de sentido identificadas para a questão 25, o número de participantes que as utilizam e um exemplo de como ela aparece nas respostas.

Tabela 11 -“Em que consistiria uma PSICOTERAPIA fenomenológica?”

Unidade de sentido	“Fenomenólogos”		“Não fenomenólogos”	
	N	Exemplo	N	Exemplo
Compreender o cliente/paciente em seu mundo, sem julgamentos	42	Consiste numa psicoterapia que seja sincera ao entender o outro a partir do olhar do outro (suspensão de si/empatia) que, por sua vez está em relação intencional com o mundo. [P57]	5	A psicoterapia fenomenológica tem o intuito de compreender a singularidade das pessoas, trabalhando com a intencionalidade da consciência , ampliar a sua percepção de si e das coisas e assim levar o cliente a se desenvolver. [P65]
Foco no aqui-e-agora	8	Aquela que prioriza o que se revela no aqui e agora , o presente, conforme sinalizado por Brentano, antes de Husserl, quando apontava a psicologia do ato, aquilo que inclui a intencionalidade do sujeito no ato, no fenômeno, naquilo que é revelado na relação, o que aparece, e, é descortinado no movimento presente em ato. [P30]		
Daseinsanálise	2	Seria a Daseinsanálise. Não trabalho com essa psicoterapia específica. Meu foco é mais existencial sartriano. [P12]		
Dúvida quanto à possibilidade	6	Não estou certo se podemos definir um objetivo particular para essa modalidade de atenção psicoterapêutica , no entanto, podemos constatar que consiste num método compreensivo-descritivo que visa manter em suspenso qualquer posicionamento ontológico prévio com o intuito de explicitar o significado das experiências/vivências. [P8]		

continua...

Unidade de sentido	“Fenomenólogos”		“Não fenomenólogos”	
	N	Exemplo	N	Exemplo
Outros	15	O objetivo é o mesmo de qualquer psicoterapia, proporcionar saúde mental . O caminho é diferente por utilizar pressupostos diferentes. Apesar de conhecer um pouco da Psicoterapia apenas Fenomenológica, acredito que sua combinação com a filosofia Existencial lhe permite a base necessária para todo o processo terapêutico. Entendo a fenomenologia mais como técnica. [P68]	11	Imagino que seja apresentar ao sujeito uma descrição das observações feitas. [P39]

Dando continuidade a questão acima, a Questão 26: “Justifique tal impossibilidade”, foi respondida por quatro dos seis participantes que responderam “não” à questão 24. Destes, três são “psicólogos fenomenólogos” e um não é. A Tabela 12 mostra as unidades de sentido identificadas nas respostas desses participantes. As justificativas quanto à impossibilidade de desenvolver uma psicoterapia fenomenológica são que faltaria uma teoria da personalidade, um conjunto de técnicas e que no ambiente terapêutico, não existe lugar para a neutralidade que a fenomenologia proporia.

Os pesquisadores não levaram em consideração a resposta do participante P92 como argumento válido, uma vez que o mesmo declarou, que “**Pois não existe o psi**, da psicoterapia, dentro da abordagem fenomenológica pode **só se fazer um trabalho terapêutico**”. Em virtude daquilo que foi já exposto nesse artigo, fica claro que existia uma preocupação de Husserl em determinar exatamente o que seria exclusivamente “psi”cológico e, em momento algum de seus estudos, ele mencionou a qualquer “terapia” como um “grande fazer fenomenológico”. É imperioso destacar ainda que nesse período das investigações fenomenológicas de Husserl, a psicoterapia e a terapia – no sentido de tratamento psicológico –, estava presente apenas na Psicanálise de S. Freud e na Psicologia Analítica de C. G. Jung. Não se sabe ao certo o quanto Husserl conhecia ou desconhecia essas psicoterapias (Freud e Jung), pode-se, porém, destacar o anexo XXI de Fink (ao § 46) na “A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental”, intitulado “Sobre o problema do Inconsciente”, e que explora o problema da relação da consciência com o inconsciente. No decorrer desse anexo é questionado se não seria uma tendência

crescente, principalmente da “psicologia das profundezas” e nas “filosofias realistas e irracionais”, considerar o ser consciente apenas como um estrato do ser humano. Essa parte indica que Husserl poderia conhecer essa “psicologia das profundezas”, porém em seu estatuto epistemológico.

Tabela 12 - “Justifique tal impossibilidade”				
Unidade de sentido	“Fenomenólogos”		“Não fenomenólogos”	
	N	Exemplo	N	Exemplo
Falta conjunto de técnicas		Não é abordagem psicológica e não possui conjunto de técnicas consolidado, apenas diretrizes atitudinais. [P40]		
Falta teoria da personalidade		A necessidade de uma teoria de personalidade para embasar a prática clínica. [P67]		
A fenomenologia propõe neutralidade				Porque ela se propõe conhecer os objetos tal como eles aparecem, como uma espécie de neutralidade , e isso não existe em um ambiente terapêutico... há neutralidade dentro de um campo próprio, dentro de uma certa direção, mas a direção em si não é neutra, e o tratamento se encaminha pra algum lugar. [P41]

3.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com esse estudo fica evidente que o psicólogo brasileiro compreende a psicologia fenomenológica como uma “abordagem” da psicologia, vinculada, quase que sinônimo das psicologias humanistas e existenciais e, que acredita que é perfeitamente possível uma psicoterapia fenomenológica. O estudo bibliográfico mostra que, nas duas últimas décadas, as publicações específicas de psicologia fenomenológica tratam, em sua maioria da utilização do método fenomenológico em pesquisa. Também apresentam discussões acerca da possibilidade de uma clínica de orientação fenomenológica ou “fenomenológico-existencial”, como o estudo de Dutra (2000) e de Roehe e Dutra (2014).

O estudo empírico mostra que os psicólogos usam conceitos da fenomenologia husserliana, tais como: a perspectiva *noético-noemática*, o conceito de *epoché* e das *reduções fenomenológicas*, destacando que a fenomenologia

poderia emergir como um método de pesquisa dos fenômenos psicológicos, e ainda podendo servir como uma ponte entre a filosofia e a prática psicoterapêutica. Aqui é sempre importante destacar, que no projeto husserliano, a intenção era *descrever* e *compreender* o fenômeno tal *como ele se apresenta*, com suas várias possibilidades de *apresentações*, o que está de acordo com a intenção de pesquisa em psicologia. Não havia, na concepção original de Husserl, a prerrogativa de uma *mudança* diretiva do fenômeno. Quando se pensa em terapia, se pressupõe alteração de estado, mudança.

Destaca-se que o presente estudo conseguiu abarcar uma parte ínfima desse oceano brasileiro da psicologia que se assume como tendo uma orientação fenomenológica. Como um estudo preliminar, abriram-se vários questionamentos, mais do que respostas, às questões formuladas. Desta forma, são necessários mais estudos para preencher as lacunas aqui abertas, como, por exemplo, em relação ao que o psicólogo está compreendendo como *fenômeno* (psicológico ou não) ou *essência*. Se há uma apropriação dos conceitos da fenomenologia ou apenas um uso formal de suas expressões. Ou ainda, a lacuna temporal, e o restrito número de publicações com o indexador “psicologia fenomenológica”.

3.5 BIBLIOGRAFIA

- Amatuzzi, M.M. (2009). Psicologia fenomenológica: uma aproximação teórica humanista. *Estudos de Psicologia*, 26(1), 93-100.
- Andrade, C. C & Holanda, A. F. (2010). Apontamentos sobre pesquisa qualitativa e pesquisa empírico-fenomenológica. *Estudos de Psicologia*, Campinas, 27(2) | 259-268.
- Branco, P. C. C. (2014). Diálogo entre análise de conteúdo e método fenomenológico empírico: percursos históricos e metodológicos. *Rev. Phenomenological Studies, Abordagem gestalt*, 20 (2).
- Branco, P. C. C. (2015). Psicologia humanista de Carl Rogers: recepção e circulação no Brasil. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais. (Tese de Doutorado). Disponível em http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/BUBD-A5MKEE/tese_paulo_coelho.pdf?sequence=1
- Castro, T.G. & Gomes, W. B. (2011). Movimento fenomenológico: controvérsias e perspectivas na pesquisa psicológica. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 27(2), 233-240.
- Castro, T. G., & Gomes, W. B. (2015). Da intencionalidade da consciência ao método progressivo regressivo em Husserl. *Psicologia USP*, 26(1), 90-99.

- Forghieri, Y.C. (1997). *Aconselhamento Terapêutico: origens, fundamentos e prática*. São Paulo: Thomson Learning
- Giorgi, A., & Souza, D. (2010). *Método Fenomenológico de Investigação em Psicologia*. Lisboa: Fim de Século.
- Gomes, W.B. (1997). A pesquisa fenomenológica e o estudo da experiência consciente. *Psicologia USP*, 8(2), 305-336.
- Gomes, W.B., & Castro, T.G. (2011). Aplicações do método fenomenológico à pesquisa em psicologia: tradições e tendências. *Estudos de Psicologia*, Campinas, 28(2), 153-161.
- Gomes, W. B., & Castro, T. G. (2010). Clínica Fenomenológica: do método de pesquisa para a prática psicoterapêutica. *para a Prática Psicoterapêutica*, 26(n. especial), 81-93.
- Gomes, W., Holanda, A., & Gauer, G. (2004). Primórdios da psicologia humanista no Brasil. In: M. M. (Org.), *História da psicologia no Brasil do Século XX* (pp. 87-104). São Paulo: E.P.U.
- Goto, T. A. (2008). Introdução à psicologia fenomenológica: a nova psicologia de Edmund Husserl. São Paulo: Paulus.
- Goto, T. A. (2017). La crítica a la psicología científica y la constitución de la Psicología Fenomenológica en Edmund Husserl. *Acta Mexicana de Fenomenología, Revista de investigación filosófica y científica*. No. 2. Enero. (no prelo).
- Guimarães, A.C. (2000). O Pensamento Fenomenológico no Brasil, *Revista Brasileira de Filosofia*, Vol.L., Fasc.198, pp.258-267.
- Holanda, A. (2014). Fenomenologia e Humanismo: reflexões necessárias. Curitiba: Juruá.
- Holanda, A. F. (2016). Fenomenologia e Psicologia no Brasil: aspectos históricos. *Estudos de Psicologia*, 33(3), 383-394.
- Husserl, E. (1935/2012). A Crise das Ciências Europeias e a Fenomenologia Transcendental. Uma introdução à Filosofia Fenomenológica. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária.
- Husserl, E. (1934-1937/1992). La psicologia en la crisis de la ciencia europea. In: *Die Krisis der europäischen Wissenschaften und die transzendente Phänomenologie. Texte aus dem Nachlass 1934-1937*. The Hague, Netherlands: Kluwer Academic Publishers. (Tradução pessoal e sem publicação oficial em espanhol por Guillermo Hoyos Vasquez).
- Husserl, E. (1917/1987). *Fenomenologia e Psicologia*. Napoles: Filema.
- Husserl, E. (1913/2006). *Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica*. (M. Suzuki, Trad.) Aparecida/SP: Ideias & Letras.

- Husserl, E. (1900/2014). *Investigações lógicas: prolegômenos à lógica pura: Volume I*. (D. Ferrer, Trad.) Rio de Janeiro: Forense.
- Husserl, E. (1907/1986). *A ideia da fenomenologia*. (A. Mourão, Trad.) Lisboa: Edições 70.
- Husserl, E. (1994). *Lições para uma Fenomenologia da Consciência Interna do Tempo*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- Husserl, E. (2001). *Psychologique Phénoménologique (1925-1928)*. Paris: Vrin.
- Krüger, H. (2014). Psicologia Humanista. In: Araújo, S. de F.; Caropreso, F.; Castañon, G.A. & Simanke, R. T. *Fundamentos filosóficos da psicologia contemporânea*. Juiz de Fora: Editora UFJF.
- Paim, A. (2010) "O Movimento Fenomenológico Brasileiro". En: *O Movimento Fenomenológico em Portugal e no Brasil* (pp. 123-140). Lisboa: Zéfiro.
- Porta, M. A. (2013). Edmund Husserl: psicologismo, psicologia e fenomenologia. São Paulo: Edições Loyola.
- Schneider, D.R. (2006). Novas perspectivas para a psicologia clínica a partir das Contribuições de J. P. Sartre. *Interação em Psicologia*, 10 (1), 101-112.

4 DISCUSSÃO

Essa pesquisa empírica contou com 98 participantes psicólogos, 79 deles autodeclarados fenomenólogos. A faixa etária predominante foi até 30 anos (46% dos participantes). A maioria (60%) havia concluído a graduação há menos de 05 anos, a prevalência foi de terem se formado na região Sudeste do país. Grande parte dos participantes (65%) declarou que teve disciplina de psicologia e fenomenologia durante a graduação. O contato com a fenomenologia deu-se majoritariamente por meio de disciplinas (específicas ou não) e percebeu-se que o contato com essas disciplinas, durante a graduação teve relação positiva direta com a escolha da fenomenologia como “abordagem” de trabalho. Pouco mais da metade dos psicólogos “fenomenólogos” responderam às assertivas da segunda parte em concordância com os pressupostos da fenomenologia. E, essa concordância se deu especialmente nas questões em que a assertiva fez referência à intersubjetividade transcendental, aos fenômenos transcendentais e aos radicalismos dualistas. Nas questões às quais a referência era a possibilidade de a fenomenologia ser uma ciência de rigor ou a base para todas as ciências, os psicólogos “fenomenólogos” responderam em discordância com as bases fundantes da fenomenologia. Outro aspecto levantado foi que o psicólogo brasileiro (“fenomenólogo” ou não) acredita ser perfeitamente possível desenvolver uma psicoterapia de orientação fenomenológica, porém, à questão sobre como se desenvolveria tal psicoterapia, notou-se um viés humanista e analítico-existencial nas respostas. Muito mais do que respostas, o estudo levantou dúvidas e questões. A mais pertinente, em virtude das respostas, seja a razão pela qual o psicólogo entende a ‘psicologia fenomenológica’ como uma abordagem da psicologia, muitas vezes confundida com a Abordagem Centrada na Pessoa, de Carl Rogers, a Análise Existencial de Heidegger e a Gestalt-terapia.

Husserl, ao fundar a fenomenologia, pretendia desenvolver um método capaz de delimitar uma psicologia *pura*, *a priori*, que fosse capaz de delimitar o que é puramente psicológico, e que serviria de fundamento para uma psicologia empírica; e uma filosofia universal que dela fosse capaz de decorrer uma revisão metodológica de todas as ciências (Husserl, 1929/2013). Por outro lado, Holanda (1997; 2014) aponta que a fenomenologia, enquanto método, possibilitou o evento de alguns dos mais importantes movimentos do pensamento no século XX.

Destacam-se, entre eles, o Existencialismo, de Jean-Paul Sartre, as Filosofias da Existência, observadas em Martin Buber e Merleau-Ponty, por exemplo e a Analítica-Existencial, de Martin Heidegger (Holanda, 1997; 2014). Faz-se necessário, aqui, acrescentar que “Heidegger eclipsa seu mestre, e num ato, o transforma em uma figura do passado, em história da filosofia” (Thévenaz, 1952, p. 11)¹¹. O fato é, que com a ascensão do nazismo na Alemanha, em 1936, Husserl foi destituído de seu cargo de reitor da Universidade de Freiburg por seu próprio discípulo, Heidegger que assumiu o posto (Farías, 1998; Goto, 2008; Faye, 2009; Carrasco, 2012). Desta maneira, os estudos de Heidegger puderam ser continuados e difundidos na Alemanha. Já os de seu Mestre, foram proibidos em solo nazista. A partir disso, pode-se compreender um dos motivos de a fenomenologia ter sido difundida e, por consequência, ter chegado ao Brasil por meio dos textos de Heidegger, enquanto os de Husserl tiveram que esperar o fim da II Guerra.

Na relação da Fenomenologia com a Psicoterapia, Gomes e Castro (2010), afirmam que a vertente psicoterápica da fenomenologia teve origem com Binswanger, que considerou a análise existencial como um método de pesquisa psiquiátrica fenomenológica, com o que viria a ser conhecido como fenomenológico-existencial. Os mesmos autores acrescentam que um dos fatores do distanciamento entre Husserl e Heidegger foi a mudança do foco da relação entre consciência e experiência em Husserl, para a relação do ser humano consigo mesmo, o que Heidegger chamou de Ser-aí. Cerbone (2014), corrobora dizendo que, segundo Heidegger, Husserl negligencia a experiência. O fato é que a história conta, como apontado acima, que o pensamento de Heidegger foi mais difundido, também na psicologia (que é o foco aqui) que o de Husserl. O que explica a ambiguidade das declarações dos participantes envolvendo o tema “psicologia fenomenológica”. Quando Heidegger propõe a Daseinsanálise – originalmente como uma “analítica existencial”, e passa a ser compreendida como uma possibilidade clínica, a partir dos Seminários de Zollikon, organizados por Medard Boss¹² – e a apresenta como a

¹¹ Foi aqui utilizada uma tradução para o português, ainda inédita, em debate com o grupo do LabFeno, e que será publicada em 2017, na *Phenomenological Studies – Revista da Abordagem Gestáltica*. Para fins formais, mantivemos a referência ao texto original.

¹² Vale uma advertência acerca do uso indiscriminado da expressão *Daseinsanalyse*. Heidegger é o primeiro a dar um sentido a esta, na direção do que viria a ser, posteriormente, a sua *Analítica Existencial*. O primeiro a utilizar esta expressão como um fundamento para a clínica, foi Binswanger, num sentido muito particular: “Para Binswanger, a *Daseinsanálise* é uma empresa científica, um ‘método de pesquisa’. Ela não tem por perspectiva uma partida psicoterápica. Ela visa fundamentar o edifício da psiquiatria como ciência. Em nenhum caso ela

Ontologia da fenomenologia, a vinculação posterior é uma consequência natural. Desta forma, ao mesmo tempo que os participantes utilizam termos ligados à fenomenologia filosófica (que se propõe a ser epistemológica), fazem referência aos mesmos termos como um fazer da prática psicoterapêutica. Assim, fica evidente nas respostas dos participantes que as apropriações dos psicólogos brasileiros da fenomenologia pelo existencialismo são similares às da Europa e dos Estados Unidos da América. Exemplo disso são as respostas a seguir: P7: [A psicologia fenomenológica trata de] “Auxiliar o sujeito a **entrar em contato com a autenticidade de sua existência**”; P 50: [A psicologia fenomenológica é] “Compreensão do homem **a partir de sua visão de mundo**, em que ele faz parte”. Da mesma maneira, aparece essa vinculação na busca realizada no SciELO, pois dois dos quatro artigos publicados nos últimos anos, nos intervalos de 2014 a 2016, com o buscador “psicologia fenomenológica”, são sobre “psicologia fenomenológico-existencial”, de Heidegger. Sendo um deles teórico, a saber: “Dasein, o entendimento de Heidegger sobre o modo de ser humano” (Roehe e Dutra, 2014); e o outro, empírico: “A maior dor do mundo: o luto materno em uma perspectiva fenomenológica” (Freitas e Michel, 2014).

Outro aspecto importante a ser considerado é a proximidade das ideias humanistas com a psicologia brasileira. Gomes e Castro (2010) indicam que, a fenomenologia e o existencialismo, desde o emparelhamento com as vertentes humanistas no Brasil passaram a ser impulsionados e identificados com o próprio Humanismo. Também evidenciam, como apontado no segundo texto desta dissertação, que os autores que se destacam nesse cenário são Yolanda Forghieri, Mauro AmatuZZi e Daniela Schneider. Branco (2015) analisa ainda que são as vertentes fenomenológicas que mais caracterizam a Abordagem Centrada na Pessoa, no Brasil, apresentando como destaque os estudos de Virgínia Moreira e Mauro AmatuZZi, como os que fazem referência às aproximações do pensamento de Rogers com a fenomenologia. Mais uma vez, nas respostas, pode-se perceber a consequência da origem da difusão do pensamento fenomenológico no Brasil. Uma vez que, na psicologia brasileira, a fenomenologia desembarcou associada aos psicólogos humanistas, o entrelaçamento das ideias é uma decorrência bastante provável, alijando a reflexão tanto de suas bases filosóficas quanto de suas

pode ser considerada como uma técnica específica” (Naudin, 1997, p.23). Foi com Boss que a expressão ganhou contornos de uma “prática psicoterápica”.

premissas epistemológicas. Essa vinculação aparece de forma bastante evidente em respostas como as do Participante P20, quanto aos fazeres fundamentados na fenomenologia, que diz: “[...]é necessária a suspensão do juízo por parte do terapeuta e a **aceitação incondicional**, para que o cliente se apresente, a consideração do **aqui agora** [...]”.

Aliado ao exposto nos dois parágrafos precedentes, e, talvez, como resultante disso, a fenomenologia entra nos cursos de psicologia, como a “terceira via”, como uma alternativa à psicanálise e ao comportamentalismo. Tal vinculação pode justificar as respostas ao questionário como um todo, uma vez que, na graduação, as disciplinas de “fenomenologia” tem vinculação direta com essas abordagens. Em razão disso, fica evidente, um desconhecimento dos psicólogos (em especial aos autodenominados “fenomenólogos”) com relação aos pressupostos da fenomenologia, aspectos abordados na segunda parte do questionário. Goto (2008) afirma que no Brasil os psicólogos dessa abordagem tem seguido uma “orientação assistemática”, levando a formação de muitas psicologias fenomenológica e sem a preocupação do rigor que Husserl tanto prezou.

Na mesma medida, ocorre uma clara identificação humanista e existencial nas respostas abertas da terceira parte do questionário. Por se tratar de um estudo preliminar, de caráter exploratório, muitos questionamentos estão abertos. Faz-se mister, para ampliar o cenário que aqui foi aberto, averiguar o conteúdo das disciplinas consideradas fenomenológicas. Desta forma colocar-se-á luz no que tem sido ensinado sob a denominação “fenomenológico”, bem como, compreender, como o psicólogo brasileiro que se denomina fenomenólogo faz com a transposição do que é estudado teoricamente, na sua formação, com a sua prática profissional, sem muita contextualização ou mesmo apreciação crítica dos fundamentos filosóficos propostos pelo mestre de Freiburg.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo principal da pesquisa, de investigar o que o psicólogo compreende por psicologia fenomenológica, foi em alguma parte, alcançado. A metodologia utilizada, com a aplicação de questionário disponibilizado *online*, foi suficiente para verificar que as disciplinas “de fenomenologia” ministradas no país, concebem a psicologia e a psicologia existencial como partes do mesmo escopo teórico.

Também se apreendeu que o psicólogo brasileiro associa a psicologia fenomenológica à psicologia humanista e à psicologia existencial. Da mesma forma, constata que existe uma apropriação inadvertida, por parte destes psicólogos, de termos da fenomenologia filosófica como fazeres de prática psicoterapêutica. Ainda, que o número de publicações sobre o tema, indexados pelo SciELO, é ainda baixo.

Várias foram as limitações durante do desenvolvimento desse trabalho. O questionário desta pesquisa foi disponibilizado *online* o que, por um lado, facilita a adesão à participação, por outro, dificulta o esclarecimento de algumas questões, como ocorreria em situação presencial de entrevistas. Da mesma forma, uma escala *Lickert* de sete pontos foi inadequada para o número de participantes esperado, pois com um “N” inferior a 100 houve muita dispersão. Desta forma, poderia perfeitamente ter sido utilizada uma escala de cinco ou até três pontos, como acabou sendo analisada tal parte do questionário.

Igualmente, está claro para a pesquisadora que vários dos autores aqui trabalhados poderiam ter sido melhor explorados. E, outros ainda, acrescentados. O ponto é que os assuntos aqui abordados são de penosa circunscrição. Cada tema, cada item aqui apresentado suscita uma abertura maior, uma exploração maior, e, com isso, mais olhares. Não obstante, a pesquisadora buscou concisão e clareza nos argumentos. Ainda, como o objetivo é estudar o que o psicólogo brasileiro compreende por psicologia fenomenológica, foi dada prioridade para os autores nacionais da psicologia ligados à fenomenologia.

Como sugestões para estudos posteriores, deixam-se tais questionamentos: a) estudar o conteúdo das disciplinas chamadas *fenomenológicas* ministradas nos cursos de graduação; e b) realizar uma revisão sistemática de literatura com o indexador *psicologia fenomenológica*.

Como conclusões finais, pode-se delimitar, dos dados observados, que o pensamento “fenomenológico” vigente para os psicólogos brasileiros são o humanista e o existencialista. O que corrobora tanto com o desenvolvimento da disciplina em solo europeu e estadunidense, quanto com o surgimento da fenomenologia no Brasil.

BIBLIOGRAFIA

- Amatuzzi, M.M. (2009). Psicologia fenomenológica: uma aproximação teórica humanista. *Estudos de Psicologia*, 26(1), 93-100.
- Andrade, C.C & Holanda, A.F. (2010). Apontamentos sobre pesquisa qualitativa e pesquisa empírico-fenomenológica. *Estudos de Psicologia*, Campinas, 27(2) | 259-268.
- Branco, P.C.C. (2014). Diálogo entre análise de conteúdo e método fenomenológico empírico: percursos históricos e metodológicos. *Rev. Phenomenological Studies, Abordagem gestalt*. vol. 20 no.2.
- Branco, P.C.C. (2015). *Psicologia humanista de Carl Rogers: recepção e circulação no Brasil*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais. (Tese de Doutorado). Disponível em
- Bruns, M.A.T. & Holanda, A.F. (Org.) (2003). *Psicologia e Fenomenologia – Reflexões e Perspectivas*. Capinas: Alínea.
- Carrasco, E. (2012). *Heidegger y el Nacionalsocialismo. Ensayos sobre Filosofía y Política*. Santiago de Chile: Catalonia.
- Castro, T.G. (2009). *Lógica e técnica na redução fenomenológica: da filosofia à empiria em psicologia (dissertação de mestrado)*. Porto Alegre: UFRGS.
- Castro, T.G., & Gomes, W.B. (2011). Movimento fenomenológico: Controvérsias e Perspectivas na Pesquisa Psicológica. *Psicologia, Teoria e Pesquisa*, 27(2), 233-240.
- Castro, T. G., & Gomes, W. B. (2015). Da intencionalidade da consciência ao método progressivo regressivo em Husserl. *Psicologia USP*, 26(1), 90-99.
- Cerbone, D.R. (2014). *Fenomenologia*. Petrópolis: Vozes.
- Farías, V. (1998). *Heidegger y el Nazismo*. Mexico: Fondo de Cultura Economica.
- Faye, E. (2009). *Heidegger. La introducción del nazismo en la Filosofía. En torno de los seminários inéditos de 1933-1935*. Madrid: Ediciones Akal.
- Forghieri, Y.C. (Org). (1984). *Fenomenologia e Psicologia*. São Paulo: Cortez.
- Forghieri, Y.C. (1993). *Psicologia Fenomenológica – Fundamentos, Método e Pesquisas*. São Paulo: Pioneira.
- Forghieri, Y.C. (1997). *Aconselhamento Terapêutico: origens, fundamentos e prática*. São Paulo: Thomson Learning
- Giorgi, A. (1985). Sketch of a psychological phenomenological method. In A. Giorgi (Ed.), *Phenomenology and psychological research* (pp. 8-22). Pittsburgh, PA: Duquesne University Press.
- Giorgi, A. (2009). *The descriptive phenomenological method in psychology: A modified Husserlian approach*. Pittsburg, PA: Duquesne University.

- Giorgi, A., & Souza, D. (2010). *Método Fenomenológico de Investigação em Psicologia*. Lisboa: Fim de Século.
- Gomes, W., Holanda, A., & Gauer, G. (2004). Primórdios da psicologia humanista no Brasil. In: M. M. (Org.), *História da psicologia no Brasil do Século XX* (pp. 87-104). São Paulo: E.P.U.
- Gomes, W.B. (1997). A pesquisa fenomenológica e o estudo da experiência consciente. *Psicologia USP*, 8(2), 305-336.
- Gomes, W.B. (1998). *Fenomenologia e Pesquisa em Psicologia*. Porto Alegre: Editora da UFRGS.
- Gomes, W. B., & Castro, T. G. (2010). Clínica Fenomenológica: do método de pesquisa para a prática psicoterapêutica. *para a Prática Psicoterapêutica*, 26(n. especial), 81-93.
- Gomes, W.B., & Castro, T.G. (2011). Aplicações do método fenomenológico à pesquisa em psicologia: tradições e tendências. *Estudos de Psicologia*, Campinas, 28(2), 153-161.
- Goto, T.A. (2008). *Introdução à psicologia fenomenológica: a nova psicologia de Edmund Husserl*. São Paulo: Paulus.
- Goto, T.A. (2017). La crítica a la psicología científica y la constitución de la Psicología Fenomenológica en Edmund Husserl. *Acta Mexicana de Fenomenología, Revista de investigación filosófica y científica*. No. 2. Enero. (no prelo).
- Guimarães, A.C. (2000). O Pensamento Fenomenológico no Brasil, *Revista Brasileira de Filosofia*, Vol.L., Fasc.198, pp.258-267.
- Gurwitsch, A. (1966). *Studies in Phenomenology and Psychology*. Evanston: Northwestern University Press.
- Holanda, A.F. (1997). Fenomenologia, psicoterapia e psicologia humanista. *Estudos de Psicologia*. Campinas, 14 (2), 33-46.
- Holanda, A.F. (2009). Fenomenologia e Psicologia: Diálogos e Interlocuções. *Revista da Abordagem Gestáltica*, XV(2), 87-92.
- Holanda, A.F. (2014). *Fenomenologia e Humanismo. Reflexões Necessárias*. Curitiba: Juruá Editora.
- Holanda, A.F. (2016). Fenomenologia e Psicologia no Brasil: aspectos históricos. *Estudos de Psicologia*, 33(3), 383-394.
- Husserl, E. (1900/2014). *Investigações lógicas: prolegômenos à lógica pura: Volume I*. (D. Ferrer, Trad.) Rio de Janeiro: Forense.
- Husserl, E. (1907/1986). *A ideia da fenomenologia*. (A. Mourão, Trad.) Lisboa: Edições 70.
- Husserl, E. (1907/1986). *A ideia da fenomenologia*. (A. Mourão, Trad.) Lisboa: Edições 70.

- Husserl, E. (1911/1965). *A Filosofia como ciência de rigor*. Coimbra: Atlântida.
- Husserl, E. (1913/2006). *Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica*. (M. Suzuki, Trad.) Aparecida/SP: Ideias & Letras.
- Husserl, E. (1917/1987). *Fenomenologia e Psicologia*. Napoles: Filema.
- Husserl, E. (1927/1971). Phenomenology - Britannica Article, Fourth Draft. *Journal of the British Society for Phenomenology*, 2(2), 77-90.
- Husserl, E. (1927/1990). *El Artículo de la Encyclopaedia Britannica*. (A. Z. Quijano, Trad.) México: UNAM.
- Husserl, E. (1929/2013). Conferências de Paris. In: *Meditações Cartesianas e Conferências de Paris: de acordo com o texto de Husserliana I / Edmund Husserl* (P. M. Alves, Trad.). Rio de Janeiro: Forense.
- Husserl, E. (1934-1937/1992). La psicologia en la crisis de la ciencia europea. In: *Die Krisis der europäischen Wissenschaften und die transzendente Phänomenologie. Texte aus dem Nachlass 1934-1937*. The Hague, Netherlands: Kluwer Academic Publishers. (Tradução pessoal e sem publicação oficial em espanhol por Guillermo Hoyos Vasquez).
- Husserl, E. (1935/2012). A Crise das Ciências Europeias e a Fenomenologia Transcendental. Uma introdução à Filosofia Fenomenológica. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária.
- Husserl, E. (1994). *Lições para uma Fenomenologia da Consciência Interna do Tempo*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- Husserl, E. (2001). *Psychologique Phénoménologique (1925-1928)*. Paris: Vrin.
- Keen, E. (1979). *Introdução à Psicologia Fenomenológica*. Belo Horizonte: Interamericana.
- Kockelmans, J.J. (1967). Edmund Husserl's Phenomenological Psychology. A Historico-critical Study. Pittsburgh, PA: Duquesne University Press.
- Kockelmans, J.J. Ed. (1987). *Phenomenological Psychology: The Dutch School*. EUA: Kluwer Academic Publishers.
- Kruger, D. (1979). *An Introduction to Phenomenological Psychology*. Pittsburgh, PA: Duquesne University Press.
- Krüger, H. (2014). Psicologia Humanista. In: Araújo, S. de F.; Caropreso, F.; Castañon, G.A. & Simanke, R. T. *Fundamentos filosóficos da psicologia contemporânea*. Juiz de Fora: Editora UFJF.
- Naudin, J. (1997). *Phénoménologie et Psychiatrie. Les Voix et la chose*. Toulouse: Presses Universitaires du Mirail.
- Paim, A. (2010) "O Movimento Fenomenológico Brasileiro". En: *O Movimento Fenomenológico em Portugal e no Brasil* (pp. 123-140). Lisboa: Zéfiro.

- Porta, M.A. (2013). *Edmund Husserl: psicologismo, psicologia e fenomenologia*. São Paulo: Edições Loyola.
- Reis, B.B., Holanda, A.F., & Goto, T.A. (2016). Husserl e o artigo para Enciclopédia Britânica (1927): projeto da psicologia fenomenológica. *Psicologia em estudo*, 21(4), 629-640.
- Schneider, D.R. (2006). Novas perspectivas para a psicologia clínica a partir das Contribuições de J. P. Sartre. *Interação em Psicologia*, 10 (1), 101-112.
- Sokolowski, R. (2012). *Introdução à fenomenologia*. (Moraes, A. O., Trad.). São Paulo: Edições Loyola.
- Spiegelberg, H. (1972). *Phenomenology in Psychology and Psychiatry. A historical introduction*, Evanston: Northwestern University Press.
- Thévenaz, P. (1952). Qu'est-ce que la Phénoménologie? Partie 1 – La Phénoménologie de Husserl. *Révue de Théologie et de Philosophie*, 2, pp. 9-30

ANEXO A – TCLE



Laboratório de
Fenomenologia e
Subjetividade
LabFeno

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Nós, Fabiane Villatore Orengo, aluna de pós-graduação (mestrado) e Prof. Dr. Adriano Furtado Holanda, orientador de mestrado, ambos da Universidade Federal do Paraná, estamos convidando você, psicólogo que utiliza abordagem fenomenológica, a participar de um estudo intitulado O que o psicólogo compreende por psicologia fenomenológica.

- O objetivo desta pesquisa é estudar a compreensão dos psicólogos sobre fenomenologia e psicologia fenomenológica.
- Caso você participe da pesquisa, será necessário que você aceite este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Serão necessários cerca de dez minutos para respondê-lo.
- Para tanto você deverá clicar em sim, no botão de concordância abaixo.
- É possível que você experimente algum tipo de desconforto de ordem psicológica ao responder à pesquisa, uma vez que se trata de compreender como você vem desenvolvendo sua prática profissional.
- Alguns riscos de ordem psicológica podem ocorrer relacionados ao estudo, tais como angústia ou ansiedade.
- Os benefícios esperados com essa pesquisa são de enriquecer o "fazer psi", contribuindo com uma reflexão sobre nossas práticas. Desta forma, provavelmente você não será diretamente beneficiado com o resultado da pesquisa, mas estará contribuindo para o avanço científico.

Aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa
 em Seres Humanos do Setor de Ciências da
 Saúde/UFPR.
 Parecer/CEP/SD-PR nº 421/036
 na data de 11/11/2016

Rubricas:

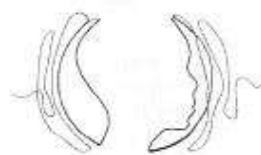
Participante da Pesquisa e /ou responsável legal _____
 Pesquisador Responsável: Fabiane V. Orengo _____
 Orientador _____ Orientado _____

Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Setor de Ciências da Saúde da UFPR |
 CEP/SD Rua Padre Camargo, 285 | térreo | Alto da Glória | Curitiba/PR | CEP 80060-240 |
 cometica.saude@ufpr.br - telefone (041) 3360-7259



Ministério da Educação
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
Setor de Ciências Humanas
Departamento de Psicologia

Praça Santos Andrade, 50 - Sala 102
Ala Alfredo Buffren - 80062-240 Curitiba/PR



Laboratório de
Fenomenologia e
Subjetividade
LabFeno

- g. Os pesquisadores Fabiane Villatore Orenge e Prof. Dr. Adriano Furtado Holanda, responsáveis por este estudo, poderão ser localizados no LabFeno – Laboratório de Fenomenologia e Subjetividade da Universidade Federal do Paraná, no seguinte endereço: Praça Santos Andrade, 50 – ala Alfredo Buffren, sala 102 – Curitiba/PR, às quartas-feiras, das 13h30 às 20h, para esclarecer eventuais dúvidas que você possa ter e fornecer-lhe as informações que você deseje, antes, durante ou depois de encerrado o estudo. Da mesma forma, você pode utilizar os telefones (41) 9641-8787 e (41) 9244-2460, em horário comercial, e e-mails: fabiane.orenge@gmail.com, aholanda@yahoo.com e labfeno@gmail.com.
- h. A sua participação neste estudo é voluntária e se você não quiser mais fazer parte da pesquisa poderá desistir a qualquer momento. Neste caso será devolvida a segunda via do termo de consentimento livre e esclarecido assinado.
- i. As informações relacionadas ao estudo poderão ser conhecidas por pessoas autorizadas: Fabiane Villatore Orenge, Prof. Dr. Adriano Furtado Holanda e Prof. Dr. Tommy Akira Goto, pesquisadora e orientadores. No entanto, se qualquer informação for divulgada em relatório ou publicação, isto será feito sob forma codificada, para que a sua identidade seja preservada e mantida sua confidencialidade.
- j. O material obtido – questionários – será utilizado unicamente para essa pesquisa e será deletado dos arquivos ao término do estudo, dentro de 5 anos.
- k. Não existem despesas necessárias para a realização da e você não receberá qualquer valor em dinheiro pela sua participação

APROVADO pelo Comitê de Ética em Pesquisa
em Seres Humanos do Setor de Ciências da
Saúde/UFPR.
Parecer CEP/SD-PR nº 1817026
na data de 11/11/2016

Rubricas:
Participante da Pesquisa e /ou responsável legal _____
Pesquisador Responsável: Fabiane V. Orenge
Orientador _____ Orientado _____

Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Setor de Ciências da Saúde da UFPR |
CEP/SD Rua Padre Camargo, 285 | térreo | Alto da Glória | Curitiba/PR | CEP 80060-240 |
cometica.saude@ufpr.br - telefone (041) 3360-7259



Laboratório de
Fenomenologia e
Subjetividade
LabFeno

- l. Quando os resultados forem publicados, não aparecerá seu nome, e sim um código.
m. Se você tiver dúvidas sobre seus direitos como participante de pesquisa, você pode contatar também o Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP/SD) do Setor de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Paraná, pelo telefone 3360-7259.

☐ 'Declaro que li esse Termo de Consentimento e compreendi a natureza e objetivo do estudo do qual concordei em participar. A explicação que recebi menciona os riscos e benefícios. Eu entendi que sou livre para interromper minha participação a qualquer momento sem justificar minha decisão e sem qualquer prejuízo para mim. Eu concordo voluntariamente em participar deste estudo.

Fabiane Villatore Orenge | (41) 9641-8787 | fabiane.orengo@gmail.com | LabFeno | Praça Santos Andrade, 50 | sala 102 | ala Alfredo Buffren | Curitiba/PR | CEP 80020-300.

Prof. Dr. Adriano F. Holanda | (41) 9244-2460 | aholanda@yahoo.com | LabFeno | Praça Santos Andrade, 50 | sala 102 | ala Alfredo Buffren | Curitiba/PR | CEP 80020-300.

Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Setor de Ciências da Saúde da UFPR | CEP/SD Rua Padre Camargo, 285 | térreo | Alto da Glória | Curitiba/PR | CEP 80060-240 | cometica.saude@ufpr.br - telefone (041) 3360-7259.

APROVADO pelo Comitê de Ética em Pesquisa
em Seres Humanos do Setor de Ciências da
Saúde/UFPR
Protocolo nº 1818026
de 11/11/2016

¹ Por se tratar de questionário *online*, o aceite do TCLE se dará por meio do clique neste campo, sem o qual o participante não será encaminhado para o questionário. Da mesma forma, a data será gerada automaticamente pelo gerador do formulário.

Rubricas:

Participante da Pesquisa e /ou responsável legal _____

Pesquisador Responsável: Fabiane V. Orenge

Orientador _____ Orientado _____

UFPR
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

Ministério da Educação
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
Setor de Ciências Humanas
Departamento de Psicologia

Praça Santos Andrade, 50 - Sala 102
Ala Alfredo Buffren - 80062-240 Curitiba/PR

ANEXO B – QUESTIONÁRIO

O QUE O PSICÓLOGO ENTENDE POR PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICA

Pesquisa realizada pelo Mestrado em Psicologia da Universidade Federal do Paraná.

Público alvo:

Psicólogas e Psicólogos Brasileiros que seguem abordagem fenomenológica.

Pesquisadores:

Fabiane Villatore Orengo - Mestranda em Psicologia Clínica/UFPR

(41) 96418787 psicologa.fabiane@gmail.com

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7552741102045328>

Prof. Dr. Adriano Furtado Holanda - Universidade Federal do Paraná
Orientador

(41) 92442460 aholanda@yahoo.com

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7344227427939366>

Prof. Dr. Tommy Akira Goto - Universidade Federal de Uberlândia
Coorientador

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0629687499521125>

1. Li o termo de consentimento livre e esclarecido e concordo em participar da pesquisa compreendendo a sua natureza e o seu objetivo. Também entendi que sou livre para interromper minha participação a qualquer momento sem justificar minha decisão. *

(marque apenas um)

() Sim

() Não (encerra a participação)

2. Você é psicólogo(a)? *

(marque apenas um)

() Sim

() Não (encerra a participação)

3. Na sua prática profissional, você utiliza alguma abordagem fenomenológica? *

(marque apenas um)

() Sim

() Não

Parte 1: Dados sócio-demográficos e formação acadêmica

4. Sexo *

(marque apenas um)

() Feminino

() Masculino

5. Idade *

Em anos

(espaço de texto curto para resposta)

6. Ano de formação/graduação em Psicologia *

(espaço de texto curto para resposta)

* Resposta obrigatória

7. Estado do País em que se formou *

Coloque a Sigla

(espaço de texto curto para resposta)

8. Tipo de instituição em que se formou *

(marque apenas um)

() Pública

() Privada

9. Como você conheceu a fenomenologia? *

(marque apenas um)

- ☐ Disciplina específica de fenomenologia
- ☐ Outra disciplina que tenha utilizado texto de fenomenologia
- ☐ Congresso, curso ou outro evento Outro:

10 . Durante sua graduação, você teve alguma disciplina de fenomenologia? *

(marque apenas um)

- ☐ sim
- ☐ não (pular para parte 2)

11 . Quantas disciplinas?

(marque apenas um)

- ☐ 1
- ☐ 2
- ☐ 3
- ☐ 4
- ☐ 5 ou mais

12 . Quais foram essas disciplinas? Cite os nomes.

(espaço de texto longo para resposta)

13 . A(s) disciplina(s) era(m): *

Caso tenha havido ambas, marque a opção "Obrigatória(s)"

(marque apenas um)

- ☐ Obrigatória(s)
- ☐ Optativa(s)

14. Seu curso ofereceu a possibilidade de estágio com viés fenomenológico?

(marque apenas um)

- ☐ Sim
- ☐ Não

Parte 2: Fenomenologia: ciência, método, filosofia

Responda às próximas questões considerando o seu grau de concordância.

15 . A Fenomenologia não tem a pretensão de ser a base para todas as ciências. *

1. concordo totalmente; 2. concordo em grande parte; 3. concordo parcialmente; 4. Indiferente 5.discordo parcialmente; 6. discordo em grande parte; 7. discordo totalmente.

(marque apenas um)

Concordo totalmente ()1; ()2; () 3; () 4; () 5; () 6; ()7. Discordo totalmente

16 . A Fenomenologia é a ciência de todos os fenômenos transcendentais. *

1. concordo totalmente; 2. concordo em grande parte; 3. concordo parcialmente; 4. Indiferente 5.discordo parcialmente; 6. discordo em grande parte; 7. discordo totalmente.

(marque apenas um)

Concordo totalmente ()1; ()2; () 3; () 4; () 5; () 6; ()7. Discordo totalmente

17 . A Fenomenologia não é capaz de englobar todos os problemas teleológicos, metafísicos, éticos, racionais. *

1. concordo totalmente; 2. concordo em grande parte; 3. concordo parcialmente; 4. Indiferente 5.discordo parcialmente; 6. discordo em grande parte; 7. discordo totalmente.

(marque apenas um)

Concordo totalmente ()1; ()2; () 3; () 4; () 5; () 6; ()7. Discordo totalmente

18 . Somente a Fenomenologia pode converter as ciências em ciências genuínas. *

1. concordo totalmente; 2. concordo em grande parte; 3. concordo parcialmente; 4. Indiferente 5.discordo parcialmente; 6. discordo em grande parte; 7. discordo totalmente.

(marque apenas um)

Concordo totalmente ()1; ()2; ()3; ()4; ()5; ()6; ()7. Discordo totalmente

19 . A fundamentação fenomenológica não nos dá uma fundamentação científica radical. *

1. concordo totalmente; 2. concordo em grande parte; 3. concordo parcialmente; 4. Indiferente 5.discordo parcialmente; 6. discordo em grande parte; 7. discordo totalmente.

(marque apenas um)

Concordo totalmente ()1; ()2; ()3; ()4; ()5; ()6; ()7. Discordo totalmente

20 . A Fenomenologia é a ciência universal da intersubjetividade transcendental. *

1. concordo totalmente; 2. concordo em grande parte; 3. concordo parcialmente; 4. Indiferente 5.discordo parcialmente; 6. discordo em grande parte; 7. discordo totalmente.

(marque apenas um)

Concordo totalmente ()1; ()2; ()3; ()4; ()5; ()6; ()7. Discordo totalmente

21 . A Fenomenologia é capaz de superar radicalismos como o subjetivismo, o objetivismo, o psicologismo, o racionalismo, o empirismo. *

1. concordo totalmente; 2. concordo em grande parte; 3. concordo parcialmente; 4. Indiferente 5.discordo parcialmente; 6. discordo em grande parte; 7. discordo totalmente.

(marque apenas um)

Concordo totalmente ()1; ()2; ()3; ()4; ()5; ()6; ()7. Discordo totalmente

Parte 3: Psicologia e Fenomenologia

22 . O que é / do que se trata psicologia fenomenológica?

(espaço de texto longo para resposta)

1. Quais são os fazeres de sua prática profissional fundamentados na fenomenologia?

(espaço de texto longo para resposta)

24 . É possível desenvolver uma psicoterapia fenomenológica?

(marque apenas um)

(☐) Sim

(☐) Não (pular para questão 26)

25 . Em que consistiria uma PSICOTERAPIA fenomenológica?

Descrever os objetivos e pressupostos de uma psicoterapia fenomenológica.

(espaço de texto longo para resposta)

(Ir para questão 24)

26 . Justifique tal impossibilidade.

Em que você se baseia para dizer que não é possível desenvolver uma PSICOTERAPIA fenomenológica?

(espaço de texto longo para resposta)

27 . Gostaria de receber os resultados desta pesquisa quando ela estiver finalizada?

Caso afirmativo, informe seu email no campo abaixo. Seus dados não serão divulgados.

(espaço de texto curto para resposta)

Sobre o Questionário

O questionário que você respondeu foi desenvolvido pelos autores da pesquisa, utilizando como referência:

Husserl, E. (1990). El artículo de la Encyclopedia Britannica. Universidad Nacional Autónoma de México. Original de 1927.